

1908

ANNO XVII

REVISTA \* \* \* \* \*

DE

\* \* \* \* \* MINEIRO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRIGIDA POR

José da Silva Vieira

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES



ESPOZENDE--1907-1908

A VENDA NA REDACÇÃO D'ESTA REVISTA

PREÇO AVULSO 750 REIS



REVISTA DO MINHO



# REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

*Director --- José da Silva Vieira*

XVII ANNO DE PUBLICAÇÃO



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
**ESPOZENDE**  
1907-1908





## A BICHIA DE SETE CABEÇAS

Era uma vez um filho de um rei que era muito amigo do filho de um sapateiro; brincavam sempre juntos, e o príncipe não tinha vergonha de acompanhar com o filho do sapateiro por toda a parte.

O rei não estava contente com aquella confiança, e disse ao sapateiro para mandar o filho para muito longe, dando-lhe muito dinheiro. O rapaz foi-se embora, mas o príncipe assim que soube d'isso fugiu do palácio e foi por esse mundo a procura do amigo. Então encontrou-o passado algum tempo, abraçaram-se e foram ambos de jornada. Indo mais para diante, encontraram uma formosa menina amarrada a uma arvore.

O príncipe assim que viu ficou logo muito apaixonado, e perguntou-lhe quem é que a tinha deixado ali. Ella respondeu que não podia dizer nada, mas só podia que a salvassem. O príncipe conheceu que ella era de sangue real, e pensou em casar com ella.

Pôl-a na garupa do seu cavallo e foram caminhando todos tres.

Pernotaram n'aquella noite em um bosque onde estavam trez cruces; o príncipe e a donzella adoroceram, mas o filho do sapateiro

deixou-se ficar acordado para o que desse e viesse. Lá por essa noite adiante viu vir tres pombas e pou-sarem cada uma na sua cruz.

A primeira pomba disse:—O príncipe cuida que hade casar com a donzella, mas em ella passando ao pé d'um laranjal hade pedir uma laranja, e em a comendo hade arre-bentar:

E quem isto ouvir e não se calar  
Em pedra marmore hade-se tornar.

A segunda pomba disse:—Ainda não é só isso; ella hade passar por pé de uma fonte e hade querer beber agua, e logo que a beba hade arre-bentar:

E quem isto ouvir e não se calar  
Em pedra marmore hade-se tornar.

A terceira pomba disse:—Ainda não é só isso; se ella escapar de tudo, assim que chegar a casa, na noite de noivado hade vir uma bicha de sete cabeças que hade matar-a:

E quem isto ouvir e não se calar  
Em pedra marmore hade-se tornar.

Ouviu o filho do sapateiro isto tudo, e quando amanheceu disse ao príncipe que era melhor volta-

rem para o reino, porque o rei devia de estar muito amargurado, e que lhe daria o perdão e licença para casar com a donzella, que era de sangue real. O principe deu pelo que disse o filho do sapateiro e metteram-se om caminho.

Passaram por um, laranjal, e aconteceu o que a pomba tinha dito; mas o filho do sapateiro disse que aquellas laranjas não se vendiam e foram andando. Passaram por uma fonte, a menina quiz beber, como a outra pomba tinha dito, mas o filho do sapateiro disse que não havia com que tirar agua. Até que chegaram ao palacio; o rei ficou muito alegre quando viu o filho, perdoou-lhe, e sabendo que o conselho do filho do sapateiro é que fizera voltar para casa deu-lhe licença para viver no palacio em companhia de seu amigo. O principe pediu licença ao pae para casar com a menina que tinha salvado, porque ella era de sangue real; o pae disse que só dava licença ao fim de seis mezes depois de a conhecer melhor e vér as suas qualidades. O certo é que o principe casou com ella, e perguntou ao filho do sapateiro o que é que queria de dom no dia do casamento. Elle disse que só queria uma couza era dormir na noite do noivado no mesmo quarto. Lá lhe custou isto, mas o principe sempre consentiu. O amigo deitou-se á porta do quarto com uma espada escondido, e quando os noivos estavam dormindo sentiu entrar pelo quarto dentro uma grande bicha de sete cabeças.

Como elle já esperava isto, descarregou um golpe certo e matou o monstro, mas sempre uma gota

de sangue espirrou e foi bater na cara da princeza que estava adormecida. O filho do sapateiro tratou de limpar o sangue que estava pelo chão, e como visse a gota de sangue na cara da princeza foi-lho limpar com a ponta de uma toalha molhada. A princeza acordou com aquella friagem, e gritou sobresaltada para o marido:

—Vinga-me do teu melhor amigo, que me deu um beijo.

O principe levanta-se furioso para matar o amigo que elle julgava traidor; mas elle pede-lhe que demore o seu rigor, para contar a toda a côrte o caso acontecido. Ajuntou-se toda a gente do palacio; o rapaz começou a relatar tudo, e ia-se tornando pouco a pouco em pedra marmore. Ficaram todos com muita pena de ser tão mal paga aquella fidelidade, e o principe resolveu collocar a estatua de marmore, que fora o seu maior amigo, no jardim do palacio.

O principe costumava levar os filhos a brincarem no jardim, e sentava-se ao pé da estatua chorando com pesar, e dizia:

—Quem me dera o meu amigo outra vez vivo.

—Pois se queres teu amigo outra vez vivo (disse-lhe uma voz) mata esses teus filhos, e unta esta pedra com sangue innocente.

O principe hesitou, mas cheio de confiança no poder da amizade, degolou os meninos, e a estatua mecheu-se logo e appareceu ali o amigo outra vez vivo. Abraçaram-se muito, e quando o principe se voltou para o logar onde estavam os filhos achou-os muito alegres a brincarem, tendo apenas em volta do pescoço uma fitinha vermelha.

Nunca mais se separaram, e d'ali em diante viveram todos muito felizes.

*Theophilo Braga.*



## DONA VINTES

Era uma vez um homem que tinha vinte filhas, e a mais moça chamava-se Dona Vintes. O pae era mercador, e, tendo de ir para uma terra muito longe, comprou um vestido côr de rosa a cada uma das filhas, e disse-lhes que na sua ausencia, visto que não tinham parentes, não abrissem a porta a ninguem, e que os vestidos haviam de dizer-lhe como ellas se portavam. A casa tinha uma varanda que dava para o jardim, do rei, e no jardim havia uma craveira muito bonita.

Uma vez estava a Dona Vintes na varanda, e o principe, o filho do rei, que gostava muito d'ella, perguntou-lhe se queria um cravo da sua craveira, e ella respondeu que não precisava dos seus cravos. O principe tratou de vêr a maneira como havia de apanhar a Dona Vintes. Disse para um criado que se vestisse de velha e elle metteu-se n'uma arca fechada por dentro, e o criado, levando a arca á cabeça, bateu á porta da casa onde moravam as vinte filhas, dizendo que era a avô d'ellas. Apareceu a mais velha de todas e foi dizer á Dona Vintes, que estava a avô á porta, e ella respondeu:—se não tinha ouvido o que o pae tinha dito, que não tinham parentes nenhuns. A velha, como a não deixavam entrar, pediu que lhe deixassem ao menos ficar a arca, e

que viria quando o pae voltasse de viagem. Disseram-lhe que sim e ficou a arca em casa.

A Dona Vintes era sempre a ultima a deitar-se, por ser a menos preguiçosa de suas irmãs, e antes de se deitar contava-as a todas; mas n'essa noite, contando-se a si, contou vinte e uma. Levantou-se muito cedo e foi pôr-se ao pé d'uma janella que dava para o jardim do rei. Quando o principe se levantou viu a Dona Vintes ao pé da janella.

—Dona Vintes, por aqui?

—Mais de admirar é Vossa Alteza e veja o que vaç no seu jardim.

Foi-se o principe a assomar e ella pegou-lhe pelas pernas e atirou-o para o jardim. O principe ficou muito doente. Passados tempos as irmãs de Dona Vintes appeteceram comer peras do jardim do rei. Dona Vintes fez umas escadas de corda desceu por ellas e colheu 19 peras, e o principe, que estava escondido para vêr se a podia apanhar, quando ella ia a subir, pegou-lhe pelo taccão de um sapato, e ella, assim que sentiu presa, largou o sapato e subiu mais que depressa.

D'outra vez as irmãs appeteceram laranjas do jardim do rei e Dona Vintes foi buscal-as, e, ao subir pela escada de corda, o principe pegou-lhe na saia e ella rasgou esse pedaço da saia e subiu mais que depressa.

D'outra vez as irmãs appeteceram maçãs do jardim do rei, e o principe pegou-lhe pelas tranças do cabello, e ella cortou a trança e fugiu com as maçãs. As irmãs adoeceram todas, e Dona Vintes disse ao principe que tinha d'ir buscar gallinhas ao gallinheiro do rei, e elle disse-lhe que sim. Queria o prin-

cipe que ella entrasse primeiro no gallinheiro, mas ella fel-o entrar a elle. Trouxe as gallinhas e deixou o principe fechado no gallinheiro. Depois cada uma das irmãs teve uma creança, e Dona Vintes mettu todas as creanças na mesma arca que tinha ido o principe, que ao tempo estava doente, pôz a arca á cabeça e foi apregoar junto do palacio do rei:

Quem quer comprar estas flores  
Para o principe, que 'stá mal d'amores?

Uma das criadas do palacio, assim que ouviu o pregão, foi chamar a rainha, e a rainha mandou chamar a pregoeira, para vêr as flôres. Dona Vintes, foi pedil-a, e o pae disse que era impossivel um principe casar com uma rapariga pobre. O principe teimou e o pae deixou casar a filha, e ella mandou fazer uma boneca de alcorce e á noite deitou-a na cama no logar d'ella, e mettu-se debaixo da cama. O principe, com um cutello na mão para a matar, pôz-se-lhe a dizer se não se lembrava do que lhe tinha feito, e ella puchava por um cordel para a boneca dizer que sim com a cabeça; se não se lembrava quando o mettera no gallinheiro,—e a boneca disse que sim, e assim que ella disse que sim, elle matou-a e saltou-lhe um bocado d'alcorce para a bocca, e elle abraçou-se á boneca, dizendo:

Dona Vintes Dona Vintes,  
Tão doce na morte,  
Tão amarga na vida,  
Quem tal crime fez  
Merece já morrer.

E ia-se tambem matar, quando

a Dona Vintes lhe salta debaixo da cama.

Seja Deus louvado, que è meu conto acabado.



## PROVERBIOS DE JANEIRO

É curiosa a colleccão de proverbios, que a tradiçãõ tem recolhido da fertilidade inventiva dos povos, no tocante a lendas.

Iremos successiva e opportunamente publicando os proverbios relativos a cada mez, copiando-os de duas publicações eruditas: o *Dicionario portuguez* de Frei Domingos Vieira, e a *Bibliotheca de gente do campo*, de Alvares Ferreira.

Os de janeiro são:

O mez de janeiro ou enche ou vasa o celleiro.

—Em vindo janeiro, sobe ao outeiro: se vires terrear, podes cantar; se vires verdejar, deves chorar.

—Janeiro gioso, anno formoso.

—Luar de janeiro, não tem parceiro; mas lá vem o de agosto que lhe dà de rosto.

—Em janeiro mette obreiro, e no mingunte corta o madeiro.

—Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado.

—Em janeiro, tantas manhãs de neveiro quantas de neve em maio.

—Chovendo no dia de Reis, lavradores não vos apresseis; e se não chover, não vos descuideis:—isto è—tal dia de Reis, qual primavera.

—As flôres de janeiro não enchem o celleiro.

—O janeiro fóra, de mais uma hora.

—Em janeiro, um porco ao sol, outro ao fumeiro.

Janeiro e fevereiro enchem e vasam o celleiro.

Pintos de janeiro, vão com a mãe ao poleiro.

Se quizeres ser bom alheiro, planta os alhos em janeiro.

Dia de S. Vicente, toda a agua è quente.

Janeiro gioso, fevereiro nevoso, março molhoso, abril chuvoso, maio ventoso, fazem o anno formoso.

Em janeiro séca a ovelha suas madeixas no fumeiro, e em março no prado, e em abril as vae urdir.

Vae-te embora, janeiro, cá fica o meu cordeiro.

Vae-te embora, janeiro, deixar-me-has Abril e Maio.

O mez de janeiro, como bom cavalleiro, assim acaba como na entrada.

FEVEIREIRO:

O mez de janeiro ou fevereiro ou enche ou vasa o celleiro.

—Quando não chove em fevrei-

ro não ha bom prado, nem bom centeio.

—Agua de fevereiro mata o ouzoneiro.

—Para parte de fevereiro guarda lenha.

—Fevreiro quente tras o demo no ventre.

—O fevereiro enganou a mãe ao soalheiro.

—Avêa de fevereiro enche o celleiro.

—Pelo S. Martinho (24) fazem-se enxertias.

—Fevreiro feveroso torna o anno formoso.

(Feveroso quer dizer: que lança fibras, hastes e rebentos).

(Continúa)



## POESIA DO SÉCULO XV

Ouve, vê e cala,  
Viverás vida folgada.  
Tua porta cerrarás,  
Teus vizinhos louvarás,  
Quanto pódes não farás,  
Quanto vales não dirás,  
Quanto ouves não crerás.  
Se quizeres viver em paz  
Seis coisas cumpre attender  
Quando fallares—te mando:  
De quem fallas onde e què  
E a quem e como e quando.

Attribuida a D. João de Menezes.



## LENDAS & TRADIÇÕES

### I

#### O POMAR DE S. DOMINGOS

Andava um dia Christo com S. Pedro, quando passaram junto a um vicejante pomar. \*

—Repara, mestre, disse S. Pedro, que lindo pomar aqui tem Domingos!

—Sim, Pedro, é lindo, respondeu Christo, mas talvez não saibas que Domingos está condemnado; porque o pomar que ahí vês foi todo plantado aos domingos.

—Que dizes, Mestre! E não tem já salvação possível?

—Só uma coisa o poderia salvar: cortar-o, lançar-lhe fogo, e deitar-se na fogueira.

Quando o vigário de Christo encontrou o seu collega Domingos, contou-lhe as palavras do Mestre. S. Domingos não hesitou: cortou as arvores, amontoou-as, acendeu com ellas uma enorme fogueira, e, quando ella crepitava mais ardente, lançou-se nas chammas.

Decorreu algum tempo, até que de novo ali passaram Christo e Pedro. E este, ao vêr o desolado terreno onde outr'ora existira um pomar esplendido, deplorava o triste successo.

Christo aproximou-se d'um monte de cinza e espalhou-a com o pé. Do interior rolou pelo chão uma formosissima maçã. E disse a Pedro, que olhava pasmado:

—Apanha-a e guarda-a nos alforjes.

O apóstolo obedeceu, ponde-se ambos a caminho para uma casa que costumava agazalhar os dois

quando acertavam de passar ali.

\*

O dono da casa mandou á filha que guardasse os alforjes, e serviu comida aos dois camiubeiros. Mas a rapariga, quando cumpriu a ordem do pae levando os alforjes para o interior da casa, foi tentada pela curiosidade de lhes verificar o conteúdo. N'um d'elles descobriu a maçã que Pedro apanhou no esbrazeado pomar.

Estranhou, porque não era tempo d'ellas; depois mirou-a e remirou-a cupidamente, até que, não podendo resistir mais, comeu-a.

No entanto Christo e S. Pedro, tendo concluido a parca refeição e retomado os alforjes, puzeram-se de novo a caminho.

\*

Mezes depois, ali passaram de novo. Entre todos os da hospitaleira casa, a filha não apparecia.

Admirado, Christo interrogou o pae:

—Porque não vejo tua filha? Está doente?

—Não, Senhor, mas...

E o homen foi-se de-culpando com evasivas: que a rapariga não podia vir que não estava em estado de apparecer...

Mas tanto Christo instou que o pae decidiu-se por fim a chamal-a.

Vinha demudada, em adiantadas circumstancias de gravidez, e com o natural receio do acanhamento.

Interrogando o Mestre a rapariga, esta replicou que não sabia como aquillo fôra, protestando que não tivera contacto com homem algum.

Então perguntou-lhe Christo:

—Recordas-te da ultima vez.

que estivemos aqui?

—Recordo, Senhor.

—Não foste tu quem comeu uma maçã que estava dentro dos nossos alforges? Confessa-o francamente.

—E' verdade, Senhor. Mas que tem isso com o estado em que me encontro?

—Vaes vêr.

Aproximou-se da rapariga, mandou-lhe abrir a bocca, e disse:

—Domingos, sae por onde entraste.

N'esse momento sahiu S. Domingos pela bocca da filha da casa, e desapareciam-lhe os signaes da prenhez, com espanto de quantos assistiam.

E' que a maçã que Pedro guardára, era nada menos que a alma de S. Domingos.

Recolhido da tradição oral no concelho de Gouveia. Conheço uma outra variante. d'um meu amigo da Figueira, em que S. Thomé figura em vez de S. Domingos.

## II

### O COMPADRE DA MORTE

Era uma vez um homem tão pobre que não encontrava quem lhe quizesse servir de padrinho a um filho. Voltou-se então para a esposa e disse-lhe:

—Olha, mulher, o nosso filho não fica por baptisar. Eu vou pelo mundo fóra, e em encontrando alguém que me sirva e queira ser padrinho da creança, voltarei.

E partiu.

Atravessando um campo, encontrou um homem que lhe perguntou ao que ia. A' resposta do viajante, replicou:

—Pois se queres screi eu o pa-

drinho de teu filho.

—E quem és tu? perguntou o nosso homem.

—Eu sou Deus, disse o outro.

—Pois não me serves. E continuou a viagem.

Andou mais, e ao passar uns atalhos encontrou uma velha que lhe fez pergunta igual á que lhe fizera Deus, recebendo identica resposta. A' offerta da mulher para madrinha da creança perguntou o homem:

—E quem és tu?

—Sou a Morte, respondeu.

—Pois serves-me. Serás então madrinha do rapaz.

Voltaram, e a criança foi baptisada. No fim, ao despedir-se, disse a madrinha ao pae:

—Muito bem. Agora que sou tua comadre, quero fazer-te um fevor. Queres ser rico?

—Isso nem se pergunta, comadre.

—Pois d'ora avante tomarás o officio de medico. Prometto-te que has-de arranjar fama. Mas repara no que te digo: nunca te compromettas a salvar um doente quando me vires á cabeceira da cama; só o farás quando estiver aos pés. Se alguma vez faltares a isto, morres infallivelmente.

E dizendo, partiu.

Correram annos, em que o homemsinho, como a morte lhe promettera, cresceu em celebridade, e ganhou rios de dinheiro.

Mas um dia appareceu n'aquelle paiz a noticia de que um individuo, muito rico, dava uma somma importantissima a quem conseguisse cural-o de uma molestia que todos os outros medicos reputavam incuravel.

O compadre da Morte foi; e com grande espanto seu, ao entrar no quarto do doente viu-a postada á cabeça do leito.

Mas, levado pela ambição, não se desconcertou, e comprometteu-se a salvar o ricaço n'aquelle mesmo instante.

E mandado vir dois creados, fez voltar a cama em sentido contrario, de maneira que ficando os pés da cama no lugar da cabeceira, a Morte ficava burlada, porque passava d'esta para aquelles.

A operação surtiu o effeito desejado, porque logo o doente se declarou restabelecido e sem o menor incommodo.

A Morte jurou vingar-se.

\*

Embolsado do premio promettido, ia o nosso homem estrada fóra muito satisfeito, quando lhe apparecen a Morte, colerica.

—Visto enganares-me, faltando aó que havíamos convencionato, venho participar-te que tenho resolvido acabar-te a vida.

O medico lançou-se-lhe aos pés.

—Oh comadre! pelo amor de Deus lhe peço que não faça tal coisa, perdô-me a offensa que lhe fiz!

—E' inutil pedires perdão porque vaes ser morto.

—Bem, comadre. Visto isso, deixe-me ao menos resar um Padre-Nosso antes de morrer.

A Morte concedeu. Mas o bom do homem começou a resal-o de tal maneira, que cada palavra lhe demorava tempo immenso a pronunciar.

Então disse-lhe a comadre, impaciente:

—Não tenho vagar para atu-

rarte. Resa o Padre-Nosso á vontade, e quando tiveres acabado, eu virei buscar-te.

Mas passavam-se os annos e o medico não acabava o Padre-Nosso. A Morte então tomou um expediente.

Uma vez que elle passava n'um pinhal, encontrou a comadre no chão, já sem vida e inteiriçada.

—Ora quem aqui está? disse elle. Morta, a minha comadre, coitadita! Tanto matou, que lhe chegou a vez!

E ajoelhando-se junto do que elle suppunha ser um cadaver, começou a resar-lhe por alma.

Mal elle tinha acabado o primeiro Padre-Nosso, a Morte, que não esperava outra coisa, deitou-lhe as unhas ao pescoço e matou-o.

Recolhida na Figueira pelo individuo que m'a communicou. Será tradição indigena? e inédita! Enquanto á primeira pergunta, não o creio; a segunda tenho boas razões para affirmar que sim.

### III

## O SOLDADO ESTRAGADO

Havia n'um certo paiz um soldado, cujo desleixo, prodigalidade e mau trato dos objectos do seu uso lhe tinh um originado a alcunha de *estragado*.

Um dia, perseguido em razão de qualquer acção menos louvavel, fugiu e foi correr terras. Chegou a um sitio onde viu no alto d'um monte tres homens que discutiam acalorados. Curioso, subiu a encosta e perguntou-lhes o motivo da discussão. Respondeu um d'elles:

—Senhor, nosso pae morreu deixando-nos por herança os tres obje-

ctos que aqui vêdes. Ora dá-se o caso, que, querendo repartil-os entre nós, nos vemos embarçados, porque o objeto que sai a um, deseja-o outro, e vice-versa, sem podermos atinar com o modo de resolvermos o caso.

Ora os taes objectos eram um par de botas, uma capa e um chapéu, qual d'elles em peor estado.

O soldado olhou-os com desdem e disse:

—Não valia a pena discutir por trastes tão velhos. Então que valor tem isso?

—Enganaes-vos, respondeu um dos três. Qualquer d'elles tem um valor incalculavel. Calçadas estas botas, e dizendo-se: «botas, pondeme em tal parte,» encontramos logo no lugar que desejamos. Esta capa, lançada sobre um rio, serve de barco, e transporta o passageiro rapidamente á margem opposta. O chapéu, velho e roto como está, torna invisivel aquelle que o põe na cabeça.

—Se isso assim è, replicou o soldado, è realmente admiravel. Não tenho duvida em resolver a questão, mas devo experimentar primeiro a efficacia da vossa herança.

—A' vontade, responderam.

O nosso homem calçou as botas, e pediu para ser collocado n'um lugar qualquer que escolheu; com effeito, encontrou-se lá immediatamente.

—Não ha duvida, disse elle quando regressou, que são maravilhosos estes objetos, e vou proceder á sua divisão. Vêdes esta laranja? Vou lançal-a por esta barreira abaixo; correi atraz d'ella; o primeiro que a apanhar ficará unico senhor da herança.

Concordaram logo, e o soldado atirou a laranja com quanta força tinha, de modo que foi parar a uma enorme distancia. Os tres começaram a correr vertiginosamente; e o soldado, que não esperava por outra coisa, e já tinha as botas calçadas, fez-se collocar de novo no quartel, depois de ter posto a capa aos hombros e o chapéu na cabeça, calculando que tudo aquillo lhe viria mais tarde a ser de grande utilidade,

\*

Ora succedeu que o rei d'aquelle paiz tinha uma filha, que gastava todas as noites sete vestidos e sete pares de botas. O rei tinha inutilmente collocado sentinellas á porta do quarto da princeza, prometendo ainda a mão d'ella ao que conseguisse descobrir a causa de tamanho estrago. Porém, aquelle que o não fizesse era morto irremissivelmente.

Já dezenas d'elles haviam sido sacrificados, quando um bello dia chegou a vez ao soldado *estragado*.

Não o abalou muito a noticia; calçou as botas milagrosas, poz ao hombro a celebre capa, e levou cuidadosamente o chapéu debaixo d'ella.

Mas a princeza, quando ia deitar-se, sob pretexto de que estava frio, costumava ministrar ás sentinellas que a guardavam uma certa beberagem que as fazia adormecer até de manhã. O nosso soldado, que percebeu a coisa, quando a filha do rei lhe deu a taça esperou que ella voltasse costas e cutornou-a pelo peito abaixo em vez de a beber.

Alta noite, ouviu elle passos que se aproximavam, e uma voz

Estranha entreabrindo a porta perguntar para dentro: *Já dorme?* A princeza respondeu affirmativamente, e d'ahi a pouco sahia, acompanhada de quem quer que a escuridão lhe não deixou distinguir.

Mal elle calculou que os dois estavam na rua, chegou a uma janella, e viu que a princeza entrava para um carro com um homem que elle, pelos pés de cabra, cauda, e os retorcidos attributos que lhe ornavam a fronte reconheceu ser o diabo em pessoa. Então poz o chapéu na cabeça e disse:

—Botas, ponde-me atraz da carruagem onde vai a princeza!

Palavras não eram ditas encontrou-se lá, encarrapitado na rectaguarda do carro.

Então foi uma desenfreada carreira, galgando com prodigiosa rapidez montes, valles, rios e lagos.

Chegaram por fim a um paiz, onde, tendo atravessado montes d'uma aridez desoladora, sem encontrar uma habitação nem um ser vivo, passaram junto d'uma arvore cujos ramos eram de cobre, tendo ao lado uma sentinella infernal. Ao aproximar-se o carro, esta perguntou;

—Quem vem lá?

—Deixa passar, respondeu o diabo, que servia de cocheiro.

Foram andando até passarem junto d'outra arvore, que tinha os ramos de prata, e mais longe uma outra de ouro. Em cada uma d'ellas havia um guarda que fazia igual pergunta á do primeiro, recebendo por igual a mesma resposta.

Mas o soldado *estragado*, ao perpassar encostado ás arvores, ia arrancando um ramo de cada uma

d'ellas, que guardava sob a capa. Assim chegaram por fim á porta do inferno.

Quando entrou o diabo com a princeza, o soldado metteu-se atraz d'elles, muito senhor de si por saber que ninguem o via. As potencias infernaes organisaram para logo um grande baile, em honra do par recém-chegado. baile em que tomou parte quasi toda a côrte diabolica. Pouco depois de terem começado a dançar desenfreadamente, rompeu a princeza os primeiros vestido e par de botas, porque d'um lado a agarrava um diabo, de outro lado outro, até que a deixavam quasi em farrapos, e assim succedeu com mais sete. Quando os atirava fóra, de cada vez que os despia, gritava:

—Lá vai mais um por conta do rei meu pae!

O soldado *estragado* aproximava-se de cada vestido que ella largava e cortava-lhe então um retalho, que guardava junto dos ramos colhidos no caminho. Assim arrecadou sete bocados de panno.

Quando toda a festa terminou, regressaram pela mesma forma por que tinham ido. Ao aproximar-se do palacio, o soldado fez-se conduzir até lá, junto do quarto da princeza, e fingiu-se embebido em um profundo somno. A princeza chegou, e ao entrar no quarto disse, voltando-se para o soldado:

—Pobre de ti, que amanhã és morto!

Elle ouviu e sorriu-se para consigo. E então, satisfeito, adormeceu devéras.

No dia seguinte foram acordado para ir dar contas ao rei do cargo que desempenhára durante

aquella noite.

Na presença do rei, declarou, com grande espanto d'elle, que sabia como a princeza rompia os sete vestidos e os sete pares de botas, e contou então tudo o que vira n'aquella noite. O rei perguntou á filha se aquillo era verdade, mas ella lhe clarou com a maior firmeza que o soldado mentia descaradamente. Elle então mostrou-lhe as provas convincentes do que dissêra; os ramos das tres arvores e os retalhos do panno dos vestidos. A princeza, á vista d'isso, baixou a cabeça e callou-se.

O rei mandou depois convocar a côrte, e perguntou o que se havia de fazer á filha. Todos foram de opinião que fosse morta. Assim se executou, tendo ella antes de morrer pedido que a enterrassem n'uma certa igreja dos arredores da cidade, tendo todas as noites uma sentinella a guardar-lhe a sepultura.

Nunca se encontraram vestigios de alguma das que foram guardar o tumulo da filha do rei. Todas desappareciam mysteriosamente. Começou o sorteio dos soldados do regimento onde servia o soldado *estragado*, e um bello dia chegou-lhe a vez a elle proprio. O homem foi, desanimado; mas quando chegava á porta da igreja, appareceu-lhe uma velhinha, que lhe perguntou onde ia.

=Pois bem, replicou á resposta do soldado, entra sem receio. Alta noite sae a princeza do seu rumulo, e começará a gritar por ti, como tem feito com os outros; escondete debaixo da pia da agua benta, e espera que ella torne a recolher; então poderás sair sem receio.

O soldado agradeceu e entrou na igreja. A' meia noite sentiu o ruido do tumulo que se abria, e foi-se esconder rapidamente no local que a velha lhe indicára. A princeza furiosa, corria a igreja, chamando-o em altas vozes, e lançando fogo pelos olhos e pela bocca. O soldado, a tremer de susto, e muito anichado sob a pia, nem forças tinha para se mecher. Por fim, a princeza, cansada, recolheu á sepultura, e o soldado ponde sair livremente.

No outro dia appareceu risonho no quartel. Todos se olharam assombrados. Quasi não acreditavam que o soldado *estragado* ali estivesse. E no dia seguinte, quando saiu a vez a um seu camarada e amigo, este veio pedir-lhe que pelo amor de Deus quizesse ir para a igreja a substituil-o. O bom do soldado, que devia ao collega bastantes favores, não recusou, e lá foi.

Chegado á porta da igreja, appareceu-lhe de novo a velhinha da vespera, dizendo-lhe que n'aquelle dia a filha do rei se mostraria muito mais furiosa do que na noite anterior; e que se fosse esconder por detraz do altar mór, que não encontraria ahi perigo algum. O soldado entrou; á meia noite repetiu-se a scena, em muito maior grau de intensidade; mas elle occultou-se muito bem atraz do altar mór, e ahi esperou que a princeza regressasse á sepultura.

Voltando outra vez ao seu regimento, foi no dia seguinte assediado pelo coronel, que tinha sido sorteado para ir tambem á igreja fatal, e lhe foi pedir por quanto havia que fosse em seu lugar, que em troca lhe daria o que elle quizesse. O soldado accedeu ao pedido; e pela

terceira vez lhe appareceu a mesma velhinha, a dizer-lhe que essa noite a princeza se mostraria tão furiosa que nem atraz do altar mór escaparia; por isso indicou-lhe um local na igreja onde havia uma especie de sepultura larga, cheia de ossos, preceituando que apenas ouvisse a meia noite se escondesse ali, cobrindo-se com elles. Que essa noite seria a ultima em que ella appareceria; mas que para isso deveria esperar que ella abrandasse a voz e lhe pedisse pelo amor de Deus que lhe apparecesse. Então poderia apparecer-lhe sem receio; ella voltaria a tomar a sua natural figura, e poderia casar com ella que seria feliz.

Passou-se tudo como a mulherzinha (que não era outra senão Nossa Senhora) tinha dito ao soldado. Aquella noite a filha do rei appareceu em tal estado, que as chammas e fumarada enchiam a igreja, e quasi suffocavam o pobre soldado, occulto sob um montão de ossos. Mas por ultimo ella começou de baixar a voz, gradualmente, até lhe pedir por amor de Deus que lhe apparecesse. Então o soldado saiu para fora do esconderijo e appareceu á princeza, que de repente se transmudou no que fôra em vida. Estiveram então praticando amigavelmente até sobre manhã, em que regressaram ao palacio. O rei encheu-o de honras e, conforme o pedido do soldado, deu-lhe sua filha em casamento.

Da tradição oral na Beira Baixa.

#### IV

### O COMPADRE DE S. PEDRO

Chegou-se um dia S. Pedro a Christo e disse-lhe:

—Mestre um meu compadre está a morrer. Venho pedir-vos que o salveis, porque é pobre e tem mulher e uns poucos de filhos, que, se elle morre, ficarão na mi-eria.

Não posso salvar o teu compadre, respondeu Christo, porque tem já os dias contados. E emquanto aos filhos, podes estar descansado a respeito da sua sorte, porque nenhum mal lhes succederá.

Passavam os dois santos viajadores n'essa occasião junto d'uma ribeira.

E vendo Christo no chão um cabelo arrancado pela raiz, disse ao companheiro:

—Apanha esse cabelo, e mette-o debaixo d'aquella pedra que está á borda da ribeira.

O futuro chaveiro do ceu obedeceu sem comprehender. Passado annos tornaram os dois a passar ali.

—Agora me recordo, disse Christo, que tu ha annos puzeste um cabelo debaixo d'aquella pedra: tenho curiosidade de saber se elle ainda lá está. Vae vêr, Pedro.

Este, que descuidadosamente levantára o pedregulho, deu um grito e recuou assombrado. Debaxo da pedra erguera-se uma serpente enorme. (1).

—Não tenhas medo, disse-lhe Christo. Lembras-te de que puzeste ahí esse cabelo no dia em que me pediste por teu compadre? Pois fica vendo n'isso um exemplo; esse

(1) E' commum entre o povo a creença de que, mettido em agua um cabelo que conserve ainda o bolbo capillar, e deixando-o ali, pode vir n'um espaço de tempo variavel a transformar-se n'uma pequena cobra, que depois augmenta de volume.

cabello abandonado fez-se n'essa serpe, que se criou ao ponto que acabas de ver; e assim se criarão os filhos do teu compadre, porque a providencia de Deus véla por tudo.

## V

## O CAMPONEZ E O DIABO

Havia em certa terra um homem que se gabava a toda a gente de ser tão esperto que nem o proprio diabo o enganaria.

Uma tarde, ao recolher do trabalho nos campos, encontrou um bode. Julgando-o fresmalhado d'algun rebanno, e desejando talvez possuil-o, pôl-o ás costas, e com o capote sobre elle encobriu o achado. E lá foi andando como pode com a carga estrada fóra.

Para que o animal não berregasse, despertando assim a attenção dos pastores, lembrou-se de o ir animando pelo camiubo com caricias e palavras ternas. Mas lá em certa altura, sentiu que lhe escorria pelas costas qualquer liquido quente e em tamanha abundancia, que em poucos instantes estava completamente encharcado.

Desconfiado do que fosse, apalponou as costas e soltou um gruto de raiva; mas qual não foi a admiração do camponio quando de sobre as costas o bode lhe atirou nas bochechas uma gargalhada diabolica? Viu-se então ludibriado, e tomando a carga lançou-a por uma ribanceira que havia ao lado da estrada, gritando-lhe:

Recolhida da trad. oral de Verride, con-  
celho de Montemor-o-Velho

—Anda, diabo, que t'a arrebentei! Ao que o outro, que não era menos que o diabo disfarçado em bode respondeu:

—E eu não te enganei?  
E sumiu-se no escuro.

## VI

## OS DOIS CARREIROS

Era uma vez um homem que conduzia um carro de bois, mas ao passar n'um lameiro, o carro enterrou-se de tal maneira que não era possível tiral-o.

O homem berrava e praguejava, mas sempre ia mettendo hombros ao carro, e esforçando-se por fazel-o sair d'ali.

Nesta occasião passava Christo, que disse a S. Pedro, seu compa-  
nheiro de peregrinação:

—Pedro, vamos ajudar este homensinho a arrancar d'aqui o carro.

Dito e feito. Dentro de poucos minutos o carro estava fora do lameiro, livre e desembaraçado.

No dia seguinte fornaram a passar ali; lá estava outro carro enterra, do na lama, mas o conductor, ao invéz do seu collega do dia anterior, fóra ajoelhar ao lado do carro, e de mãos postas gritava a Deus com quanta força tinha que o livrasse d'aquelles apuros.

Mas Christo passou, e olhou-o indifferente. E S. Pedro intrigado com o caso:

—Como se entende, Mestre, que quizeste hontem ajudar a salvar o carro d'um homem que praguejava que nem um possesso, e hoje passas indifferente por aquelle que alem está, a resar e a pedir a Deus que lhe

tire d'ali o carro ?

—E' facil entender, respondeu Christo. O homem berrava e praguejava, é certo, mas lá se ia esforçando por fazer sair o carro, porque não contava com ninguem que o ajudasse. Este ajoelha e resa, esperando inutilmente que Deus o ouça, porque não faz esforços para conseguir o que deseja. Ora este não merece por isso o auxilio que hontem mereceu o outro. Fica sabendo que eu detesto os ociosos, e ajudo e protejo os que trabalham.

Referida por um individuo d'esta localidade.

### VII

## O PRINCIPE E A DONZELLA

Era uma vez um principe que disse para a mãe :

—Já hoje fiz uma aposta  
E espero de a ganhar :  
Dormir com Marianna  
Até o gallo cantar.

E a mãe :

—Não apostes, ó meu filho  
Não a poderás ganhar,  
Que Marianna é sisuda  
Não te ha-de querer fallar.

Elle:

—Hei-de me vestir de donzella  
Ao quintalthei-de ir passear,

A princeza quando viu uma donzella passeando no pomar, perguntou:

Que donzellinha é aquella  
Que passcia no pomar ?

Disse o principe:

Donzellinha sim sonhora  
Que vem das partes do mar.  
Tenho a teia urdida  
As faltas venho buscar.

Diz-lhe Marianna:

As faltas, donzellinha  
As faltas lhe vou eu dar.  
—Depressa, minha senhora  
Depressa e não devagar !  
Que as tardes são pequenas  
E tenho jornada a andar.

—Calle-se lá, donzellinha  
Que ao meu quarto irá ficar

Lá pela noite adiante  
Marianna se poz a chorar.

—Não chores, Marianna  
Não te ponhas a chorar;  
Sou filho de gente nobre  
Contigo me hei-de casar.

—Você é rapaz novo  
Ao jogo se vai gabar;  
E ao cabo de nove mezes  
Ao meu pai vem contar.

Effectivamente, quando o pai soube, disse á filha:

Luxa, luxa, Marianna  
Que eu te farei luxar;  
Hoje se apanha a lenha  
E amanhã te vais queimar.

—Não tenho pena de morrer  
Nem tão pouco de me queimar  
Tenho pena do meu ventre  
Que me traz sangue real.

Já por aqui não ha um anjo  
Que a corôa queira ganhar  
Que vá levar esta cartinha  
Ao Conde de Monte C. lvario.

Appareceu-lhe um anjo que lhe disse:

—Escreva a carta minha senhora  
Que a carta lhe vou levar

E Marianna avisou o anjo, dizendo-lhe:

—Se elle estiver a dormir  
Deixará-o acordar;  
Se ello estiver a jantar  
Deixará-o acabar;  
Se estiver a passear  
Ir-lh'a-ha entregar.

O anjo entregou a carta. E o principe:

Meus creados se vão vestir  
E meus cavallos ferrar;  
Com ferraduras de bronze  
Que se não possam gastar.

Quando o principe disfarçado em  
padre, vinha ter com Marianna, en-  
controu-a no caminho por onde ia a  
ser queimada, e chegando-se ao car-  
ro onde ella ia disse:

—Parem lá essa calleça  
Se não faço-a eu parar  
Que essa menina que ahí vai  
Linda vai por confessar.

Confesse-se minha menina  
Confesse-se bem confessada  
Que no meio da confissão  
Um beijinho me ha-de dar.

E ella que o não conhecia:

Olha o maroto do padre  
Pr'a que lh' havia de dar ?  
Onde o Conde poz as mãos  
Não è para o padre beijar.

*Recolhida da tradição oral.*

### VIII

## AS ABELHAS MORTAS

Quando Christo e S. Pedro andavam pelo mundo, succedeu ter o primeiro de castigar um homem rico e mau, que galardoava com blasphemias e impiedades os obsequios que a Providencia lhe dispensava. Escolheu o Senhor a occasião em que elle vinha pelo mar em um navio que transportava de longes terras os seus immensos cabedaes. Levantou-se então um grande mar tempestuoso, e o barco afundou-se e quantos o tripulavam.

O facto de serem por egual modo castigados o culpado e o innocente impressionou vivamente o santo companheiro de Christo, que se não conteve e communicou ao mestre o espanto que lhe causara aquella, ao seu parecer, flagrante injustiça. Chris-

to não respondeu; mas parecendo desviar o assumpto, disse ao santo, apontando-lhe um enxame pousado á beira da estrada meio entorpecido pela frialdade da manhã:

—Pedro, recolhe essas abelhas até chegarmos ao proximo povoado, onde as deixaremos a alguém que as recolha n'um cortiço.

S. Pedro assim fez, e, por ordem do Senhor, mettu-as no seio, onde deviam ir mais quentes. Continuaram a jornada; mas d'ahi a pouco o santo dorido pela ferroadada d'uma abelha, esfregou vivamente a pelle. Logo se succederam outra e outra, e nova fricção foi applicada sobre cada uma d'ellas.

Quando chegaram á povoação, Christo pediu um cortiço, e a Pedro que lhe possesse as abelhas. Mas quando as tirou de dentro da camisa, poucas estavam vivas: o resto fôra esmagado contra o peito durante a viagem, de cada vez que o ardor do estimulo reclamava o immediato lenitivo da fricção.

Então o Senhor fallou a S. Pedro:

Ha pouco perguntavas-me porque fiz eu engulir pelas ondas juntamente aquelle mau rico e os que o acompanhavam. Ahí tens a resposta no teu proprio proceder. Porque taste tantas abelhas quando só tinhas a queixar-te de tres ou quatro? E quem te diz que não mataste as que nada te fizeram, e poupaste as que te morderam?

E como S. Pedro punha os olhos no chão, calado e confuso:

—Sabe agora, continuou o Senhor, como tantas vezes acontece pagar o justo pelo peccador.

*Recolhido da tradição oral.*

C. Marto.

## LENDA DOS TRES RIOS

(LENDA POPULAR)

Eram tres rios irmãos,  
Foram á serra dormir;  
O primeiro que accordasse  
Devia logo partir.

Accordou o «Guadiana»,  
E como tinha vagar,  
Escolheu varzeas e campos,  
Veio descendo p'ra o mar.

O «Tejo» foi o segundo,  
E não conhecendo a estrada,  
Largou-se quasi a direito  
Dos altos da cumeada.

Accordou depois o «Douro»  
E ao ver-se ali sósinho,  
Atirou-se monte a baixo,  
Sem escolher o caminho.

Vieram todos andando  
Até á costa chegar.  
Tiveram sorte bem triste:  
Morreram todos no mar!

*J. Braz d'Oliveira*

## CURIOSIDADES

Eis os indícios de chuva que  
dão alguns animaes:

—O gato volta as costas ao  
lume e cóça muito a cabeça.

—O gallo canta muitas ve-  
zes e bate as azas.

—Os patos, ganços e porcos  
fazem um barulho infernal.

—Os vermes sahem da ter-  
ra.

—Os porcos espojam-se.

—Os passaros refugiam-se  
nas sêbes.

—As abelhas voam proximo  
do cortiço e as andorinhas ren-  
tes da terra e da agua.

## PROVERBIOS DE FEVEREIRO

Lá vem Fevereiro que leva a  
ovelha e o carneiro.

Fevereiro faz dia e logo Santa  
Maria.

Se a Senhora da Luz chorar,  
está o inverno a acabar; se a Se-  
nhora da Luz rir, está o inverno  
para vir.

Fevereiro enganou a mãe no  
soalheiro.

Fevereiro afoga a mãe no ri-  
beiro.

A castanha e o besugo, em Fe-  
vereiro não tem summo.

Fevereiro secca as fontes ou  
leva as pontes.

Para parte de Fevereiro, guar-  
da lenha.

Fevereiro, feveras de frio, e não  
de linho.

Agua em Fevereiro mata o on-  
zeneiro.

Em não chovendo em Feverei-  
ro, nem bom prado nem bom pa-  
lheiro.

Por S. Mathus as noites eguaes  
aos dias.

Pelo S. Mathias começam as  
enxertias.

A neve que em Fevereiro cae  
das serias, poupa um carro de es-  
trume ás vossas terras.

## Conto tradicional

Houve em tempos antigos um rico proprietario, cujo filho desapparecera, e que tinha por administrador um velho amigo.

Desconfiado o proprietario de que seu filho estivesse vivo, e de que o administrador depois da morte do patrão, estragasse toda a fazenda, fez seu testamento, e n'elle poz a seguinte clausula:

—Deixo ao meu feitor ou administrador todos os meus bens, e se acaso apparecer o meu filho, será dado a este tudo aquillo que o meu feitor quizer.

Morreu o proprietario e á morte d'este appareceu o filho que foi ter com o administrador para receber a herança.

O feitor respondeu que, tendo o seu pae deixado nas mãos d'elle, feitor, dar ao filho o que quizesse, elle dava-lhe uma pequena quantia.

Não esteve o filho por isso e levou a questão para o juiz.

O juiz reuniu-os no tribunal e perguntou-lhes qual era o valor de toda a herança.

—Cem contos, responderam logo ambos.

— É d'essa herança o que quer o sr.?—perguntou o juiz

ao feitor.

—Quero noventa e cinco contos.

—Pois é isso o que tem de entregar ao filho do testador, porque a clausula é bem clara: entregar ao filho *aquillo que o feitor quizer*.

E assim succedeu. O feitor cahiu no laço que elle proprio queria armar ao dono da herança.

*Athayde d'Olivera.*



## OS MAIOS

No 1.º de Maio põem, á entrada das nabitações, *maias*, que são ramos de sabugueiro e giestas floridas; e nos linhares, rocas com seus fusos, carregadas de linho e enramalhadas de flores. Com aquillo se fadama a terra e a casa: a terra, para que dê linho comprido e sedoso; a casa, para que se guarde e mantenha prospera.

¿Quem não vê n'estas maias outra degenerada herança dos nossos antigos senhoreadores?

No principio de Maio, faziam os Romanos o festejo domestico dos seus *Lares*, deuses protectores da poitada, e cujos idolos se tinham junto ao fogo da cosinha, ou em nichos por detraz da porta principal. Revestiam-n'os de pelle canina; e em monumentos antigos se vê ao pé d'estes deuses representado o animal symbolo da fidelidade, e guarda nocturno do domicilio, pelo mesmo modo como Ovidio nos seus *Pastos* not-

o descreve. Brindavam-n'os com libações de bom comer e beber, e também com ramilhetes e grinaldas, já de flores, e já de lan.

Deveu ser entre elles o culto dos Lares o mais querido, pois acreditavam que eram os espiritos dos bons mortos da familia, que se compraziam de habitar e proteger os logares onde foram vivos, e onde vivia gente do seu sangue.

Por isso também a pouco e pouco chegaram a dar zeladores divinos do mesmo nome a todas quantas coisas lhes requeriam e mereciam ser amparadas. Vieram Lares *viales* (dos caminhos), *compitales* (das encruzilhadas), *urbanos* (os padroeiros de cada cidade), *publicos* (os mantenedores dos publicos edificios), *rusticos* (os custodios do campo), *hostis* (os amparadores contra inimigos), *marinhos* (os guardiães dos navios).

E' portanto evidente, que, onde quer que se estabelecessem Romanos, se haviam os Lares de estabelecer, e tenho, que nenhuma de suas religiosas praticas pegaria melhor, nem mais depressa, entre estrangeiros, e bem boa, bem moral que ella era, no meio d'aquelle cahos de poeiticissimos desatinos e devassidões.

Fazia venerar e amar a casa; com a casa, a familia; com a familia, se os são costumes da creação. Ainda por cima, fazia resplandecer luzeiros de esperança na cerração das adversidades; o que dá coração e brios para as resistir.

Pressupponhamos como verisimilimo, e certo, que na romana provincia Luzitania, se veneravam os Lares como na Italia; do que, aliás; podem ser documentos, alem de outros, o nome de *lareira*, geralmente conservado ao lastro da chaminé, e o pro-

prio de *lar*, com que em Traz-os-Montes se chama a corrente de ferro, de que pende na cosinha o caldeirão sobre a fogueira.

Já cada um inferirá que as *maias* dos meus serranos, festejo que só á casa se refere coroando-lhes de flores a porta, e lustrando-lhes, como quer que seja, o seu linhar (linho por lan), teem, e não podem deixar de ter, aquella origem.

Na cola d'esta semi-gentilidade, garrida e innocente, vem o rito christão, ainda mais poetico, chamado das Rogações ou Ladainhas de Maio.

Os lavradores seguem, com as cabeças descobertas, e acompanhando em chusma as entoadas preces da Igreja, a procissão, que lá se vae, humilde, atravez dos campos desatados em flor. Imploram as bençãos do Céu para os trabalhos da agricultura: que insectos damninhos não devorem a vinha ou seara: que intemperies do ar e trovejados granizos não derrubem mortas as benevolas esperanças dos pomares.

## MAIAS

Como sabem o dia 1.º de maio de cada anno é muito festejado por essas terras fóra: manifestações operarias, muitas rosas pelas janellas e sacadas, etc.

Os usos e costumes do Minho conhecem-nos de sobejo. Entretanto nem em todo o paiz o maio é igual. Para que vejam alguma curiosidade, a proposito das festas das Maias, respigamos, no «Portugal Antigo e Moderno», o seguinte e curioso artigo:

Usadas em Portugal, e ainda em nossos dias eram objecto de grande

regosijo no Algarve.

São, com toda a probabilidade, herdadas dos romanos.

Vi eu mesmo as *festas das maias* em Tavira, Castro Marim, Villa Real de Santo Antonio e outras povoações do Algarve.

Faziam-se do modo seguinte:

Escolhia-se uma rapariga de dez a doze annos, das mais bonitas do sitio. Enfeitava-se com um vestido branco, joias, fitas e flores, e collocava-se em um throno florido, construido em uma sala ao rez da rua. Era a *maia*.

Em frente da casa onde ella estava, havia um mastro coberto de murta e flores, em roda do qual se dançava todo o dia, ao som de qualquer instrumento (às vezes até mesmo de uma philarmonica, mais ou menos horripilante) e era um dia de divertimento e alegria.

Esta festa tinha lugar no dia 1.º de maio de cada anno.

Não era só em uma parte que tinha lugar a festa. Todas as ruas pareciam ter a sua *maia*, e andavam á *compita*, qual d'ellas seria mais bonita e mais luxuosamente vestida, e em qual das festas haveria maior e melhor concorrência e sumptuosidade; o que às vezes dava causa a conflitos e desordens.

Ha alguns annos que o governo prohibiu a *festa das maias*.

\* \* \*

Ainda a proposito das *Maias*, escreveu o nosso immortal Camillo a seguinte graciosa e humoristica passagem:

—O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou trez annos chronica em verso, é como o figurão que no dia 1.º de maio

passeia as ruas de algumas vilas de Traz-os-Montes, vestido de giestas floridas de amarello e brnco, cantando «as maias», diante das adufas de rotulos, por onde a louçã mocinha da casa, lisonjeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre.

Ao declinar do sol, o florido «maio» despe as viçosas ramagens com soffrega impaciencia, chama a contas o thesoureiro das dadivas e joga com elle o murro, na hypothese quasi sempre justa de que elle cumpriu indignamente o seu mandato. Liquidado o producto das trovas e das cortezias ramalhudas, o festeiro do mez das flores, funde os vintens escassos n'uma bodega, e faz das giestas vassouras com que mimosea a mãe.



## Aphorismos medicos

O tabaco e a bebida

Encurtam sempre a vida.

—

Com temperança e castidade

Se alcança bem a longevidade.

—

Come com moderação.

E farás bem a digestão.

—

O vento fresco do norte

Para muitos serve de passaporte

—

Terra com agua estagnada

Serve ás febres de morada.

—

Casa reconstruida

Ao rheumatismo convi-la.

—

Foge da casa sem luz,

Como o diabo da cruz.

—

Dorme em casa ventilada  
Sem dar ao relento entrada.

—  
Dorme sem companheiro,  
Sem cão, luz, nem brazeiro.

—  
Quem se levanta temporão  
Vive robusto e são.

—  
O dia é para trabalhar  
E a noite para descansar.

—  
Os desgostos e pesares  
Tiram vidas aos milhares.

—  
A expansão e a alegria  
São da saúde garantia.

—  
E' ridiculo soffrer  
Só pelo medo de morrer.

—  
Se não observares os meus pre-  
ceitos  
Conta-te no numero dos mortos.

( De A Saúde )

## A AGUIA E O ESCARAVELHO

( De Esopo )

Era uma vez uma aguia que embirrava de morte com uma lebre. Uma vez viu modos de saltar na lebre mas ella fugiu-lhe, e foi metter-se na toca dum escaravelho

—O' escaravelho! deixa-me esconder aqui senão a aguia mata-me!

O escaravelho deixou, e disse para a aguia:

—O' aguia, não faças mal á lebre! Lá por ser peguenina, não lhe faças mal!

A aguia deu com uma aza no escaravelho, e foi-se á lebre e co-

meu-a.

Disse o escaravelho lá comsigo:  
— Ai sim?! Cuidas que zombas dos pequenos por seres grande?!

E espreitou onde era o ninho da aguia, e foi lá e partiu-lhe os ovos.

A aguia fez ainda outro ninho num sitio mais alto, mas o escaravelho foi lá e desfez-lho todo, tornou outra vez a partir-lhe os ovos!

Foi-se ter a aguia com um feitiçeiro e levou-lhe os ovos para que lhos guardasse; e o feitiçeiro pôl-os no collo para os guardar bem. Mas o escaravelho ainda subiu mais alto que o feitiçeiro e deixou-lhe cair no collo a sua maçã; e quando o feitiçeiro foi a sacudir caíram-lhe os ovos e quebraram-se todos!

Diz então a aguia ao feitiçeiro,  
—E' vingança! E' vingança daquelle escaravelho, por eu lhe ter comido uma lebre em casa delle.

Diz-lhe o feitiçeiro:

—Ai comeste?! Pois então faz muito bem o escaravelho; e faz as pazes com elle, que é melhor para ti.

Mas o escaravelho é que não quiz, e para que a raça das aguias se não acabasse, o feitiçeiro não teve outro remedio senão fazer com que as aguias só tivessem os ovos no tempo em que não ha escaravelhos.

Ora ahi está! Para que não penssem os grandes que podem zombar dos pequenos sem ter castigo.

Trindade Coelho.

## CANTIGAS POPULARES AO S. JOÃO

S. João para ver as moças  
Fez uma fonte de prata;  
As moças não vão a ella,  
S. João todo se mata.

A porta de S. João  
Nascem rosas amarellas;  
S. João subiu ao ceu  
A pedir pelas donzellas.

S. João diz que é velho,  
E' velho mas tem amores,  
Que lhe acharam no bolso  
Um ramunho de flôres.

## DEMOSOPHIA

(Continuação)

II

## A P O D O S   Á S   T E R R A S

## A Indeterminados

37 De Monforte conta-se que um certo rei passou a Monforte e a camara rennu logo em sessão extraordinaria para nomear um dos vereadores que fosse comprimentar o monarcha levando-lhe como presente alguma producção da terra.

Não ha lá senão pinhas ou abeboras. Houve discussão e venceram as abeboras.

O emissario adiantou-se pois a receber el-rei, seguido de um creado com um cesto de esta especie de figos.

Depois de beijar a real mão, arengou assim:

Muito forte está Monforte com Voss'Alteza aqui.

Mas mais forte ella estivera, se voss'excellencia cá não viera.

O illustre senado da camara manda a voss'senhoria este cabaz d'abeboras...

(Interrupção do rei).

— Por modos ha cá muitas.

— Saberá vocemecê que são tantas qu'até s'aventam ós porcos.

— Deitem lá as calças abaixo a esse maroto e aventem-lhe c'as abeboras ó c...

Senão d'aqui a nada chama-me por tu.

Executou-se a ordem regia e o paciente dizia então:

— Olha lá se fossem pinhas!

38 Aviz

E' terra que Deus não quz.

39 Villa de Frades

Villa de farrapos:

Cinco reis d'agulhas

E' dé reis de trapos.

40 Em Jerumenha até os gatos teem sezões.

41 O' Santareno, queres mais rabo (rabão?) dizem os de Lisboa aos de Santarem, que lhes retrucam: O' Lisboaeta, queres mais manteiga?

42 Os orgams de Olhão.

43 Reguengos não é comarca

Nem villa lhe chamarão:

Foram buscar, não trouxeram,

O concelho de Mourão.

44 Nem Pedro (ser),

Nem burro negro,  
Nem boi barroso,  
Nem mulher d'Alter (1)  
Nem homem de Pedroso (2)

45 Em Lagos não se pode fallar em maio (na palavra), porque dão por paus e por pedras.

Elles próprios não nomeiam tal mez. Dizem... abril, o mez que hade vir...

46 No districto d'Evora chamam á preguiça: Maria da Pavia.

47 No de Portalegre é Maria de Borba (embora Borba pertença ao districto d'Evora).

48 Agua! Que arde a fonte de Moiedo! (Traz-os-Montes).

49 E' como os burros de Borba, que acarretam vinho e bebem agua.

50 E' de tremer o perguntar aos da Redinha (Extremadura): Onde está a sepultura de Herodes?

51 Os alfacinhas (lisboetas) zangam se em lhes perguntando pelo homem das botas.

### B) Determinados

#### a) CONTRA GENTE

52 Ade's terra do Algarve,  
Terra de pouco sustento.  
Só comem castanha pôdre  
E algum ligo holarento (combolor).

(1) Alter do Chão villa do Alentejo.

(2) Alter Pedro-o idem.

53 Pareces um algarvio a fallar.  
(Diz-se dos que são falladores).

54 Os algarvios não comem senão figos e alfarroba.

55 Os de Montemór (o novo) são *cascabulhos*

porque, havendo n'aquella villa muitos pêros, os habitantes vão vendel-os ás povoações limitrophes, e, quando vão para a venda, como ha muita fartura tiram da *gorpelha* e vão comendo e atirando com os *cascabulhos* ao e... dos burros. Ao voltar de vender, apertando-os a fome, apanham os *cascabulhos* que na abundancia não esburgaram hem, e roem-nos para lhes extrahir o mesocarpo que escapou.

Lembram-se, porem, de que na ida os atiraram ao e... dos burros. e, para descargo de consciencia, ao apanhar o *cascabulho* dizem: Este não deu.

O dictado é pois:

— Este deu, este não deu...

56 Os de Arrayollos são *judeus*, porque uma vez, quando passava a procissão do Senhor dos Passos, desatou a chover agua, se Deus a dava!... Lembraram-se de recolher o Senhor até passar a pancada d'agua. Na rua direita apenas havia uma casa com porta bastante larga pela qual coubesse a image'. Desgraçadamente o morador d'ella era um sapateiro apellidado o Pilatos...

Metteram, pois, o Senhor em casa de Pilatos!

57 Os de Vimieiro, concelho de Arrayollos, são *favas fritas* e *favas torradas*,

porque não comiam senão favas que era a colheita perdilecta. Há tambem a

historia de que, passando a procissão dos passos, que se dirigia de um convento de franciscanos, fora da villa, para a igreja matriz, ao atravessar um faval, levanta-se um pé de vento. e *aventa* com a cabelleira do Senhor para dentro de um faval.

Vai o rendeiro da Camara, vendo isto encoimou a cabelleira do Senhor.

58 Tambem lhe chamam *Cabos Verdes* (terra de degradados) e Escravos do Senhor Conde, por ter sido a terra solar dos Condes do Vimieiro.

59 Os de Móra são escaravelhos (isto é: são trigueiros).

60 Os d'Elvas são parvos.

O motivo é porque, acolhendo com difficuldade sardinhas por estarem longe do mar semearam umas poucas nas costas de Villa Fria, e passado tempo, foram ver se já tinham nascido. Encontrando os esqueletos das sardinhas cheios de vermes, concluíram que era producção nova de sardinhas.

D'outra vez combinaram em desviar a Sé, que estava a um canto mais para o meio da praça. Ataram, pois, um fio de lã á porta da igreja e foi o povo todo puxar. Como o fio estendia, concluíram que a Sé se desloca. Excedida, porem, a elasticidade, o fio partiu-se, e cahiram todos, ficando com as pernas e braços por tal forma emmaranhados uns pelos outros, que não sabia nenhum quaes os membros que lhe pertenciam.

Passou um forasteiro com um pau e os d'Elvas pediram-lhe que comesse á *pisáda* para saberem quaes eram os seus braços e pernas. O estrangeiro assentiu e pegou á bordoadá, recolhendo cada um o braço ou perna dorida, dizendo: Este é meu, á pro-

porção que o pau lhe ia batendo.

Levantados todos, reconheceu-se que a Sé tinha desandado, pois ficara debaixo d'ella o capote, que um dos que puxaram tirara e puzera ali para trabalhar mais á vontade. Más linguas ha que affirmam ter sido o forasteiro que roubou o capote quando os viu entretidos co'a azafama.

Este caso foi recolhido no Vimieiro. Dizem-nos em Elvas que a última parte pertence a um conto de uns gallegos.

61 Os d'Elvas, quando lhe chamam parvos, dizem:

Parvos em Elvas, filhos d. . . . . em toda a parte.

62 Aos de Campo Maior chamam-lhes *contrabandistas*, e diz-se que uma vez, quando, em agosto, foi lá um dos nossos reis, para o obsequiar logo á entrada fizeram-lhe umas endoenças, que puzeram cumulo á fadiga do monarca já incommódado pela jornada.

Muitos devotos de S. João Baptista, *pegaram-se* com elle para os livrar dos francezes. Conseguido isso diziam todos orgulhosos:

As peças levaram elles (francezes)  
Mas o Baptista?! . . .  
Está e. . .! . . .

63 Os d'Aviz são cães.

64 Os do Ervedal são *pellados*.

65 Os de Souzel são *judeus*.

66 Os d'Evora Monte *lagarteiros*.

67 Os de Faro são os do arrocho.

Refere-se ás lavadeiras que apertam nos burros as cargas de roupa

- com o arrocho.
- 68 Os de Villa Viçosa são Lobatos.
- 69 de Borba ceboleiros.
- 70 de Castello de Vide, cardadores.
- 71 do Crato, escalda-favaes e tambem:
- 72 Os do Crato.  
Trajam bem com pouco facto.
- 73 Aos de Entradas pergunta-se-lhe onde é que são as sahidas.
- 74 Os de Portalegre são estudantinhos.
- 75 Ah! cães de Niza que matastes o vosso Dé's!
- 76 Nã fômos nós, foram os d'Arez.
- 77 Nã' fômos nós foram os d'Alpalhã', por' môr d'um bocadinho de pã'.
- 78 Os de Alter do Chão são mulatos
- 79 Os de Ameeira são bagaceiros.
- 80 de Arez, Iscariotes.
- 81 de Tolosa, cucos.  
(Continua.)  
*Soeiro de Brito.*

## FOLK-LORE

### 1.º O sapo e a sapa

ELLA—Onde vaes, vida,  
grande amor?  
ELLE—Vou rondear.

—Olha, não te vão dar.  
—O que?!  
—Ou tu dares em alguém...  
—Isso agora é outro fallar.  
—Tem cautella, não vás ficar  
debaixo da roda dalgum carro.  
—Fracó é o homem que não pôde  
com a cabeçalha d'um carro!

ELLA—Vens, vida?

ELLE—Não vou nem irei;  
que debaixo da roda  
d'um carro fiquei.

—Ai de mim! triste viuva,  
por estas terras alheias  
c'oas minhas ilhargas cheias!  
—Não te afflijas, mulher;  
se alguém te proguntar  
de quem te namoraste,  
diz-lhe que foi d'um homem  
honorado,  
tocador de cigana, toque, im-  
boque, li lô lê.

### 2.º Almas penadas

1

Na mata da Costa tem sido ha dias ouvida uma alma penada que por lá geme, sem se saber o que diz. É o pae d'um tal que vivia por aquelles sitios. Já antes d'eile a mulher, que tinha morrido primeiro, frequentára o mesmo sitio. Tem ido muita gente ouvir a alma penada.

(1.º informador)

A alma que apparece na mata da Costa é a d'um *quidam* que «roubou o Senhor» da igreja, em tempos. Não grita só como gente, remeda tambem o canto dos passaros.

(2.º informador).

Na opinião de outros é a alma d'um dos reitores passados, por tropelias que fez.

(3.º informador).

A alma penada sahio um mocho real, que foi morte.

(4.º informador).

2

O Cidade tem apparecido no «penedo da Colla» (Atouguia).

3

Um dos reservatarios d'uma quinta comprada pelo Fortunato da Eira tem a fama de ter apparecido a um parente, pedindo-lhe que lhe mandasse dizer umas tantas missas e fosse a um esconderijo, que lhe indicou, buscar uns cordões e outras joias que lá estavam mettidos. Tudo isto se realisou e alguém viu um dos cordões encontrados por indícios do phantasma.

4

Em Margaride houve um sujeito que hospedou em casa um amigo, pai d'uma criada conhecida. Á noite mandava fechar as portas da casa ao hospede; mas ellas appareciam sempre abertas. O hospede, encarregado de fechar as portas, teimava sempre que as fechava bem. O hospedeiro, para se desenganar foi elle mesmo fechal-as; mas as portas appareciam sempre abertas. Uma vez, gente que passava d'uma romaria commentava que o dono era tolo por dormir com as portas abertas. O hospede esteve alli trez mezes, mas não

tornou, apesar das instancias do amigo. O hospedeiro passava por ter espoliado certa gente, suppondo-se que eram as almas dos roubados, que vinham abrir as portas de noite.

N. B. Diz a nossa informadora, que este caso de as portas se abrirem por si (i. é, por cousas ruins) é uma superstição vulgar.

5

Um casciro, que foi d'uma senhora conhecida, affiançava que juraria em toda a parte que vira o pae d'ella, depois de fallecido, ir abrir as côrtes do gado. O homem teve tal medo, que, indo com tenção de passar o dia a roçar, foi metter-se em casa. Teimava-se que as portas das côrtes appareciam muitas vezes abertas e o gado solto.

6

O José da Rua, irmão do Joaquim da Rua, morreu de repente; o cadaver inchou e estalou-lhe a carne, cahindo-lhe aos pedaços. A alma d'elle foi por muito tempo o terror da freguezia. Foi visto por muita gente. Entre outros conta-se d'um tal que tinha uma conversada proxima da casa em que elle morreu. Uma noite, indo ou vindo da conversada, encontrou-o. Foi fugindo d'elle, mas elle seguindo-o; só parou n'um sitio para metter a agua n'um moinho (costume do homem em vida); mas o tunante nem assim se viu livre d'elle. Acompanhou-o até á porta de casa. Ahi o homem salvou-se dentro, fechando logo a porta e dizendo: «Vae-te com mil diabos!» Mas sentiu ainda um empurrão á porta. O tunante nunca mais appareceu de noite. A ca-

sa em que viveu o José da Rua appareceu muitas vezes com as portas e janelas abertas. A herdeira d'elle, mulher do Antonio, brasileiro da Eira, teve grandes desgostos e sustos. A alma do tio fallava em varias pessoas e dizia que lhe não havia de escapar nenhum dos filhos da sobrinha. O primeiro filho, que ella teve, morreu e a freguezia quasi se alvorotou com a verificação dos agouros dos espiritados. Brasileiro e mulher chegaram a ter um padre escondido em casa para oppôr a qualquer investida da alma penada. Conta-se que a sobrinha, entrando uma vez em casa (na casa em que o tio morreu e antes de casada, parece) encontrou o defunto sentado n'uma cadeira e perguntando-lhe o motivo porque não tinha mandado dizer as missas que elle deixára. (Invenções do povo porque as missas já estavam ditas). A mulher do Antonio andou munida de chaves do sacrario para vingar os filhos. Dez annos depois do fallecimento, a alma do José da Rua ainda fallava n'uma rapariga, cujo pai se viu tão desesperado, que foi ter com o reitor (Thomaz), dizendo-lhe que «abrisse a cova onde o José da Rua foi enterrado, *para ver se elle lá estava ou não*; porque de contrario a abriria elle!»!

(Continua)

*D. Luiz de Castro.*

### CANTIGA

Fui á praia da Figueira  
Chorar minha descantella  
Veio uma onda e disse  
D'um garoto que se espera.

## Canções populares do Minho

1

Se cantar tão bem soubera  
como sei fazer cantigas,  
faria chorar as pedras,  
quanto mais as raparigas.

2

Tu és sombra e eu o sol;  
qual de nós será mais qu'rido?  
sombra de v'rão é regalo,  
sol d'inverno appetecido.

3

Fui ao mar p'ra ver as ondas,  
ao jardim p'ra ver as flores,  
ao céu p'ra ver as estrellas,  
aqui p'ra ver meus amores.

4

Quem me dera ver meu bem  
trinta dias cada mez,  
sete dias na semana...  
a cada iustante uma vez.

5

Candeia de quatro lumes,  
qu'alamia os quatro cantos:  
mal empregada, menina,  
o ser amada por tantos.

6

Olhos pretos, bonitiuhos,  
ai!... mal haja quem os ama;  
com outros passaes o tempo,  
commigo tendes a fama.

7

Fui ao campo passeiar,  
apanhei dois passarinhos  
p'ra dar a uma menina  
por abraços e beijinhos.

8

O sol prometten á lua  
uma fita de mil côres:  
quando o sol promete prendas,  
que fará quem tem amores?!

9

Namorados, fallae baixo,  
qu'as paredes tem ouvidos;  
dos amores os encobertos  
é que são os mais queridos.

10

Santas noites nos dê Deus,  
oh! janella do meu bem:  
fallo contigo de noite,  
mas não vejo lá ninguém.

11

O meu coração é vidro,  
é vidro na tua mão;  
se te quizeres vingar d'elle  
deixa-o cahir ao chão.

12

Fui á fonte dos amores,  
passei pela dos cuidados,  
enchi o pote de rosas,  
fiz a rodilha de cravos.

13

Quando eu era pequenino  
que minha mãe me embalava,  
para me calar, dizia  
qu'eu para ti me creava.

14

Já te mandei um raminho  
com quatro castas de flores,  
todas quatro vem lembrar  
nossos primeiros amores.

15

A primeira é uma *sirva*  
que significa prisão;  
porque foste tu primeiro  
quem me entrou no coração.

16

A segunda é de côr verde  
que significa esperança;  
toda a vida ouvi dizer:  
«quem espera sempre alcança».

17

A terceira é azul  
que significa ciume;  
tú p'ra mim sempre agastada  
eu p'ra ti nenhum queixume.

18

A quarta diz saudade

do tempo que já passou,  
regada pelos meus olhos.  
no meu peito se creou.

19

Menina, se sabe ler,  
lei no meu coração,  
que dentro d'elle verá  
se lhe quero bem ou não.

20

A laranja, quando nasce,  
logo nasce redondinha:  
tambem tu, quando nasceste,  
logo foi para ser'sminha.

21

Muito brilha o branco, branco.  
ao pé do branco lavado;  
muito brilha uma menina  
ao pé do seu namorado.

22

Eu amante, tu amante,  
qual de nós será mais firme?  
eu, como sol, a buscar-te,  
tu, como a sombra, a fugir-me.

23

Morena, minha pombinha,  
já não tenho portador,  
já não tenho quem me leve  
as cartas ao meu amor.

24

S'eu soubera ler no céu  
como escrever sei na areia,  
não m'havia d'escapar  
moça bonita, nem feia.

25

Tendes a pereira á porta,  
tendes sombra regalada;  
tendes fama de bonita,  
deveis ser bem procurada.

26

Oh! que lindos olhos tendes!  
dae-os ao sol para raios;  
se vol-os pedir alguem  
dizei—são meus, guardai-os.

27

Cravos brancos na janella,  
menina, não os tenhaes,

se lhes dá o vento, bolem  
e cuidam que vós me amaes.

28

O' menina da janella  
deite a cabeça pr'a rua,  
servirá d'estrella d'alva  
depois d'acabar a lua.

29

Da minha janella á tua  
vae o salto d'uma cobra  
ainda espero de chamar  
á tua mãe minha sogra.

30

A manta que tu me dêste  
não a soubeste escolher;  
em vez d'azul, que é ciúme,  
antes roxa—é bem querer.

31

Lá te mandei um raminho  
com trez ginjas garrafaes,  
todas ellas vão dizendo:—  
meu amor, quero-te mais.

32

Lá te mandei um raminho  
com trez amoras qu'ê lucto,  
todas ellas vão dizendo:—  
meu amor quero-te muito.

33

Minha mãe 'está-m'a chamar,  
minha mãe, eu vou... eu vou:  
muito me custa apartar  
do amor com quem estou!

34

S'eu soubera que tu davas  
um só passo p'ra me ver,  
eu te jurara decerto  
outros amores não ter.

35

Eu não sei que sympathia  
meus olhos contigo tem;  
quando 'stou perto de ti  
não me lembra mais ninguém.

36

Fui ao jardim passeiar  
p'ra espalhar minha dor,  
achei lá o teu retrato,

Antoninho, lavrador.

37

Oh! pinheiral de Bemposta,  
bem posta tendes a rama.  
Por amor d'uma menina  
nem durino, nem faço cama.

38

O sol, quando nasce, inclina-se  
ás pedras do teu anel;  
tambem eu sou inclinada  
aos teus olhos, Manuel.

39

Ao saltar da rigueirinha  
ao meu primo dei a mão,  
se elle não fosse meu primo  
ou lh'a daria ou não.

40

Amores ao pé da porta  
amal-os quem não se arrisca?  
inda que a bocca não falle,  
a vista sempre petisca.

41

Se ouvires assobiar  
não cuides qu'ê caçador:  
anda logo á janella,  
verás que é o teu amor.

42

Se ouvires assobiar  
não cuides qu'ê caçador,  
é moda que agora anda  
d'assobiar ao amor,

43

Com a penna do pavão,  
c'o sangue da colovia,  
hei d'escrever o meu nome  
no coração de Maria.

44

Eu entrei pelas Hespanhas,  
a guerriar Castelhanos,  
c'un exercito de velhas  
todas de quatorze annos.

45

Eu hei-d'amar uma pedra,  
deixar o teu coração,  
uma pedra não me deixa,  
deixas-me tu sem razão.

46

A canna verde no mar  
anda á roda no vapor;  
inda 'stá para nascer  
quem ha-de ser meu amor.

47

Menina, sacode a saia,  
menina, levanta o braço,  
menina, da-me um beijinho,  
menina, da-me um abraço.

48

Oh! amieiro do rio  
empresta-me a tua sombra,  
q'eu roubei uma menina,  
não tenho onde a esconda.

49

Se fores, domingo, á missa  
põe-te em paete que eu te veja,  
não faças andar meus olhos  
em leilão pela igreja.

50

Vou-me dar as despedidas  
por hoje não canto mais;  
já me doe o céu da bocca  
e mais os dentes queichaes.

51

Amor! se me queres deixar,  
não me dês tanto martyrio;  
deixa-me, não dês tantos ais,  
q'eu por tí tambem não suspiro.

52

Quem tem amores, quem tem?  
tambem eu os podia ter!...  
amores que vão, e vem,  
nunca os eu chegue a ver.

53

Ninguem conte as suas maguas  
por maior que seja a dôr;  
quem seus segredos descobre,  
de si mesmo é traidor.

54

O' priminha, ó priminha,  
ó priminha da varanda!  
ês um relógio fechado  
onde o meu coração anda.

55

Amada, por ti amada,  
querida, por ti querida,  
não quero ser mais amada  
nem por ti mais pretendida.

56

Todos os males se curam  
com remedios da botica;  
só quem padece d'amores,  
se os tem, com elles fica.

57

Quando eu vejo gaivotas  
aqui, pela beira-mar,  
cuido que tudo são cartas  
que meu amor me vae mandar.

58

Ahi vem o geitoso,  
q'eu no andar o conheço;  
tem o andar miudinho  
e o capote do avesso.

59

Coração por coração,  
dá-me então, amor, o meu;  
não deixes, assim, penar  
a quem já te pertenceu.

60

Se tu 'stás arrependido  
d'algum bem que me fizestes,  
dá-me as fallas que te dei  
q'eu te darei as que me destes.

61

Tenho meu peito aberto,  
não tenho retelhador;  
chove n'elle, como fora,  
lagrimas do meu amor.

62

Já chegastes, já viestes,  
já esta casa está cheia;  
eu na cidade sem tí  
é o mesmo que um'aldeia.

63

Oh! José, ó Joesinho,  
tens teu gosto satisfeito!  
roubaste-me o mais lindo cravo,  
q'eu trazia no meu peito.

64

Torradas e mais torradas,

torradas, eu bem sei onde...  
já fui ao Brazil e vim  
e mais não sou nenhum visconde.

65

Os meus olhos, de chorar,  
fizeram cova no chão;  
o q'os teus nunca fizeram  
não faziam, nem farão.

66

Canta, meu amor, q'eu danço,  
já que outra vida não temos;  
anda a morte pelo mundo,  
cedo nos apartaremos.

67

Maré vasa, o rio cresce,  
navio não dê à costa;  
menina não dê o ser  
até segunda resposta.

68

Engeitaste-me por pobre  
e eu a ti por um judeu;  
olha a differença que vae  
do teu sangue para o meu...

69

Coração, coraçãozinho,  
ó azas! ó primavera!  
eu só queria adivinhar  
o teu coração de quem era.

70

Eu hei-de subir ao alto,  
que do alto vejo tudo;  
quero ver o meu amor  
se me anda no estudo.

71

Que linda embarcação vem  
lá dos lados de Lisboa!  
n'ella vem o meu amor,  
sentadinho lá á proa.

72

Desejava que tu visses  
o meu coração por dentro...  
ennodado de sangue,  
cercado de sentimento.

73

Vejo o mar, não vejo terra,  
vejo ondas a luzir;

vejo o meu amor ausente,  
não sei para onde hei d'ir.

74

Tendes a oliveira á porta,  
não a sabeis estimar;  
tendes o amor defronte  
não o sabeis namorar.

75

Fui á fonte dos beijinhos  
buscar água para meu bem;  
tambem na desgraça cae  
quem muito juizo tem.

76

A esperança não se perde,  
nem foje n'um triste ai;  
não é como a folha secca  
que dando-lhe o vento, vae...

77

Quando no mar se vê ao longe  
lindo barco a navegar,  
meu coração se alegra  
pelo ver á terra chegar.

78

As ondas do mar quando bolem  
na proa da embarcação,  
estão dizendo aos marinheiros  
«lembraivos do meu coração».

79

O meu amor foi-se embora,  
não me disse até quando;  
os anjos do ceu o tragam  
com os suspiros que lhe mando.

80

A' entrada d'esta rua  
tomei eu os meus amores;  
deixaram-me, bella e pura,  
como o maio deixa as flores.

81

A calçada da tua rua  
toda ella é um lameiro;  
quando fallares dos outros  
olha para ti primeiro.

82

O lôdo é coisa mole,  
da lama faz-se lameiro;  
não digas dos outros mal

sem ouvires de ti primeiro.  
83

Parou hoje á minha porta  
um amor que já foi meu...  
Deus lhe dê tanta ventura  
como de prazer me deu.

84

Pereirinha ramalhuda,  
cheia de peras de baguim,  
diz-me s'aqui passou Antonio  
ou o meu amor Joaquim.

85

A's escuras, como o rato,  
ando eu por esta aldeia  
namorando uma menina  
de coração lindo e cara feia.

86

Açucena pé de ouro,  
tuas folhas são de prata.  
tomar amores não custa,  
deixal-os, é que me matta.

87

O mangericão é alegre  
tendo a «alfadiga» ao pé;  
o teu nome é bem bonito,  
mas o meu 'inda mais é.

88

A oliveira do val,  
que azeitona pode dar,  
é como a moça solteira  
emquanto não tem rapaz.

89

Manhã cedo, manhã cedo,  
já s'escondeu o luar;  
o meu amor ficou de vir...  
já cá podia estar.

90

Quem me dera ser o sol  
para beijar o teu rosto,  
quem me dera ser o vento  
para de ti fazer encosto.

91

Toda a vida ouvi dizer  
qu'a lua encobre os amantes;  
no dia em que te não vejo  
As horas são uns instantes.

92

Presumpção e agua benta  
cada um toma a que quer;  
se a ti não te faz mal,  
faz-me a mim que sou mulher.

93

Quem me dera ser navio,  
ser mar immenso tambem,  
p'ra trazer o meu amor  
qu'anda por terras d'alem.

94

No deserto aréal  
escrevi, meu lindo hem,  
escrevi que te amava  
como te não ama ninguem.

95

Quem me dera, quem me dera,  
quem me dera o que desejo:  
dos teus braços, um abraço,  
da tua bocca, um beijo.

96

O campo é lindo prado,  
é jardim da Natureza;  
assim são teus negros olhos,  
d'amor, cheios de pureza.

97

Já te perdi o amor,  
d'esse pouco que te tinha;  
agora tornar a querer-me  
é baixar a honra minha.

98

Eu já vi o que desejava;  
a tua soberba abatida;  
inda espero de ver mais  
se me não faltar a vida.

99

Temos nós uma pereira  
que muitas peras tem;  
tem meu pae sete filhas  
mas não as dá a ninguem.

100

Cantadeira, canta alto,  
não vás á fonte beber;  
tens uma garganta de prata  
não te posso ver padecer.

101

Amar e saber amar,  
 amar e saber a quem;  
 eu amo ao meu amor,  
 não amo a mais ninguém.

102

Acenaste-me de certa parte  
 com um lenço de quatro pontas,  
 eu respondi-te do caes,  
 com a cruz das minhas contas.

103

Amores novos fallae-me  
 que os antigos falleceram;  
 faz de conta que são folhas  
 que com o fogo arderam.

104

As ondas do mar são brancas,  
 no meio são amarellas;  
 coitadinho de quem nasce  
 para ir morrer a ellas.

105

Adeus Escola Conde Ferreira  
 onde os rapazes vão á lição;  
 adeus ó caes da ribeira,  
 capella de S. João.

106

Amar e saber amar,  
 amar, e saber a quem;  
 amar só a Deus do ceu  
 que não è falso a ninguém.

107

Abre meu lado esquerdo,  
 Verás meu coração morto;  
 Vê lá a tua ausencia  
 Em que estado o tem posto.

108

A amora nasce do *sirva*.  
 a *sirva* nasce do chão,  
 o amor nasce da vista  
 e cria-se no coração.

109

Andas-me sempre a pedir,  
 eu não tenho que te dar;  
 te darei um cacho d'uvas  
 quando o meu pae vindimar.

110

Adeus cidade do Porto;

lá me ficou o meu lenço  
 atadinho pelas pontas,  
 cheio de saudades dentro.

111

A mulher pediu a Deus  
 duas coisas para agradar:  
 boas pernas, bem pelludas,  
 lindos olhos para amar.

112

Antoninho, Antoninho,  
 Antoninho meu listrão;  
 e's o amor do meu peito,  
 a chave do meu coração.

113

Aquella menina cuida  
 que não ha outra no mundo...  
 não é o poço tão alto  
 que se lhe não veja o fundo.

114

Amigas, minhas amigas,  
 amigas minhas *leaes*,  
 quanto mais minhas amigas,  
 quanto mais me *falseaes*.

115

Adeus Rio de Janeiro,  
 cercado d'agua salgada;  
 no meio tem uma fonte  
 onde o meu amor se lava.

116

Adeus Rio de Janeiro,  
 perdição de tanta gente;  
 quando vão parecem cabos  
 quando vem são uns sargentos.

117

A' entrada d'esta rua,  
 á entrada mesmo, não,  
 a mim me deram pancadas...  
 pancadas no coração.

118

Ainda que sejamos primos  
 nós havemos de casar:  
 a dispensa vae a Roma...  
 deita-se uma rede ao mar.

119

Adeus, terra d'Espozende!  
 hei-de te mandar soalhar

de lindos cravos e rosas.  
p'ra meu bemzinho passear  
120

As meninas d'Espozende,  
são pretas da cor do mar;  
hei-de casar em Espozende  
para as mandar dourar.  
121

Ahi vem o meu amor...  
elle que virá buscar?  
vem-me trazer saudades,  
acabar de me matar.  
122

Abaixa-te Faro d'Anha,  
quero ver o S. Lourenço;  
quero ver o meu amor  
acenar-lhe com o lenço.  
123

A' tua porta, menina,  
silvas nasceram no chão;  
todos passam, ficam soltos,  
só eu cahí na prisão...  
124

Atirei uma azeitona  
à princeza da janella;  
a azeitona cahiu dentro,  
a princeza, quem m'a déra.  
125

A rua Direita é minha,  
que m'a deu o rei por tença;  
se tu quizeres andar n'ella  
hás de me pedir licença.  
126

Anda cá, meu amorsinho,  
vamos os dous merendar;  
alfacinhas com vinagre  
que nos vamos consular.  
127

As pedras com serem pedras,  
sentem os golpes que lhe dão...  
como não hei-de eu sentir  
essa tua ingratição!  
128

Aqui, n'esta rua, mora  
um amor que já foi meu;  
porta abaixo... porta acima...

o nome já me esqueceu.  
129

Amarello, amarello,  
gosto immenso d'esta côr;  
quem diz mal do amarello;  
tambem diz do meu amor.  
130

Avé Maria, é de Braga;  
Padre nosso, de Barcellos;  
Salve Rainha, do Porto,  
da rua de Massarellos.  
131

As estrellas do ceu correm  
todas n'uma carreirinha;  
assim correm os amores  
da tua porta p'ra minha  
132

A' tua porta está lama;  
quem a fez? quem a faria?  
foi gente qu'anda de noite  
não foi eu qu'ando de dia.  
133

A lua tem seis estrellas,  
mas nenhuma nos conduz;  
os raios d'esses teus olhos  
são mais brilhantes que a luz.  
134

Adeus terra d'Espozende,  
terra de murmuração.—  
onde se fazem audiencias  
sem juiz nem escrivão.  
135

Adeus, ô Rua Direita,  
ladrilhada, mal segura:  
quando passeio por ella  
tremeim pedras, treme tudo.  
136

Adens, ô Rua Direita;  
p'ra cima, p'ra baixo não.  
móra lá uma sugeitinha  
qu'inda m'ha-de vir á mão.  
137

Ao almoço dão tristezas,  
ao jantar tristezas me dão;  
quem a mim me dá tristezas  
decerto não tem coração.

138

Alegrae-vos, raparigas,  
que ahí vem a primavera;  
já cantou o rei dos passaros  
no pouso da minha janella.

139

A auzencia tem uma filha  
que tem por nome a saudade;  
eu sustento mãe e filha  
bem contra minha vontade...

140

A rainha de Castella  
anda prenha do entrudo...  
ha-de parir para o anno  
um castelhano rabudo.

141

Adeus ó barra do Porto,  
tão cumprida como larga;  
és tão triste na sahida...  
tão alegre na entrada!...

142

Anda amor p'ra minha beira  
não me fujas ao tratado;  
áquillo que tũ bem sabes  
e que tinhamos fallado...

143

A *sirva* subiu ao muro  
a fingir-se diligente...  
a *sirva* è como o hoinem:  
—quanto mais jura mais mente.

144

Adeus largo da Egreja;  
defronte tens a Matriz  
e o tanque das lavadeiras  
com seu bello chafariz.

145

Ai de mim, que já não posso  
cantar como já cantei;  
bebi agua dos teus olhos,  
a minha vóz derranquei.

146

Adeus pontes, adeus rios,  
adeus regatos pequenos;  
adeus, meu amor, adeus  
atè quando nos veremos.

147

A mulher é desgraçada  
atè no vestir da saia!  
n o ha desgraça nenhuma  
que aos pés da mulher não caia.

148

Á rua Direita é triste,  
o Feital, é mais alegre;  
quero bem ao meu amor  
que para ella irá breve.

149

A folha da hera atrepa  
por ser a mais diligente...  
estes meninos d'agora  
quanto mais juram, mais mente.

150

A morte quando vier,  
venha pelos estudantes,  
a ver se a geração se acaba  
de vadios e tratantes.

151

Ausentaste-te de mim,  
não podes ter grande queixa;  
quem se auzenta sem motivo  
não leva penas, nem deixa.

152

As telhas do meu telhado  
e as pedras do meu muro,  
essas são as testemunhas  
das veze que te porcuero.

153

As telhas do meu telhado  
e as taboas do meu balcão:  
essas são as testemunhas  
se te quero bem ou não.

(Continua.)

---

### Cantiga de Coimbra

Coimbra, nobre cidade,  
Onde se formam doutores,  
Aqui tambem se formaram  
Os meus primeiros amores.

---

## LENDAS &amp; TRADIÇÕES

## IX

## O LEÃO E O HOMEM

Era uma vez um leão que tendo levado a melhor de todos os bichos, viu que só lhe faltava experimentar o bicho homem. Resolveu pois ir procural-o, e offerecer-lhe cõmbate.

Quando ia por certo caminho, encontrou um rapaz a quem disse:

—Ouve cá. Tu é que és o bicho homem?

—Ainda não sou, tornou o rapaz.

Mais adiante topou um velho, a quem fez identica pergunta.

—Ja fui, respondeu elle.

Continhou o leão a jornada, e ao atravessar uma floresta, deparou-se-lhe um caçador, ainda novo e robusto.

—Serás tu por acaso o bicho homem?

—Sou eu, effectivamente. Que me queres?

—Desejava bater-me contigo a ver se és mais forte do que eu.

—Prompto. Aqui estou ao teu dispôr. E pondo a arma á cara na direcção do viajante, fez fogo.

O leão deu dois grandes pulos, e desatando a correr por ali fóra só parou muito longe d'aquelles sitios.

—Já não quero nada, dizia elle depois, já não quero nada com o

bicho homem. E' mais forte do que eu, porque só com um espirro me fez dar dois saltos.

• (Popular).

## X

## O LEÃO E O GRILLO

Uma vez um leão, quando passava junto da toca d'um grillo, tentou apanhal-o com a pata. O grillo escapou-se lhe rapidamente, e, de dentro de casa travou-se de razões com o leão, declarando-se os dois mutuamente guerra.

Preparou o leão os seus exercitos, e mandou contra o grillo uma legião de tigres. O animalsinho não se incomodou e como tinha por seu lado todos os bichinhos de aza, levantou tropas e enviou ao encontro dos tigres uma caterva de mosquitos. Depois d'uma lucta encarnizada, os tigres tiveram que bater em retirada. Veio depois um regimento de leões que tambem foi derrotado e posto em fuga por uma nuvem de vespas, ou tropa da farda amarella.

O leão vendo que não levava a melho, resolveu-se então a fazer pazes com o grillo, com quem repartiu o governo dos animaes, sendo este coroado—rei dos insectos.

(Popular).

=

**XI**

**O REI E O SEU CAVALLO**

Era uma vez um rei que tinha doentre um cavallo de grande preço e estimação, e promettia mandar matar quem lhe levasse a noticia da morte do animal.

Ora succedeu que tendo este morrido, ainda dias depois o rei não sabia de tal noticia, porque não havia ninguem que tivesse coragem de lh'a dar.

A certa altura mandou elle chamar um moço da cavallariça, a quem perguntou:

Como vae o meu cavallo?

—Saiba V. M., que está gordo e farto; entram-lhe as moscas pêla bocca e sahem-lhe pelo rabo.

—Enão está morto! exclamou o rei.

—E' V. M. quem o diz, respondeu o creado, contentissimo de ter assim salvo a cabeça.

(Popular).

=

**XII**

**O MAU RICO**

Era uma vez um homem rico, que estava vigiando os seus creados, emquanto tiravam agua d'um poço.

Passou por ali Christo com os discipulos e disse ao tal:

—Dàs-me de beber e a estes homens que me acompanham, que temos sede e vimos cançados da jornada?

O rico, que era de seu natural descarroavel respondeu:

—Tomára eu mais agua para uso de minha casa, que é numerosa, e das minhas terras, que são extensas, quanto mais para t'a dar a ti e aos teus!

Jesus insistiu, supplicou mas foi tudo em vão. Vendo que não conseguia demovel-o, disse:

—Pois que não cumpres o preceito da caridade, dando de beber a quem tem sede, eu quero que te fartes de agua emquanto vivo fores. Rã, salta para dentro do poço!

E logo o mau rico se transformou n'aquelle animal, e saltou para dentro do poço.

*M. Cardoso Marta.*

Recolhida da tradição oral no districto da Guarda.

—•••••

**CANCIONEIRO**

E' delicada a rosa  
Emquanto ninguem a offende;  
Mas sabe usar os espinhos;  
Contra aquelle que o pretende.

Conheço assim uma rosa.  
Ando a pensar em colhel-a;  
Mas por causa dos espinhos...  
Deus me livre de offendel-a.

## FOLK-LORE

(Continuação)

7

O João do Telhado tem visto o Marques Lobo, mas como não lhe mostrou medo, o Lobo não se metten n'elle. Metten-se porém n'uma rapariga de Santa Leocadia, que fallando por elle, declarou, que não estava no céu nem no inferno, que andava por aqui, porque se pagava depois de morto o que se tinha feito em vida e no mesmo lugar do delicto. Dava muito a entender que não havia céu nem inferno. Se batiam na rapariga, bradava o espirito que o corpo não tinha culpa nenhuma, mas que de resto podiam bater á vontade que nada lhe doía. A rapariga, i. é, o espirito do Lobo, bramava contra o João de quem fôra inimigo. Annunciou que não tardaria a apparecer um espirito bom (uma borboleta branca que appareceu n'essa occasião aos que se juntaram em casa). A borboleta tem uma historia. Quando o João (é elle que conta a cousa) ainda era solteiro, ia todas as noites a casa da futura mulher e começou a embirrar com uma borboleta branca, que se lhe pousava no chapéu e não sahia d'ali. Uma vez disse diante da amante que ia matar a borboleta, mas esta intercedeu por ella. E' ainda a mesma borboleta que apparece no lenço da endemoninhada, que acabou por declarar que a borboleta é «a alma da mãe do João.» Mas esta versão não combina bem com a seguinte: —a mulher do João em solteira apegou-se com a alma da mãe d'elle para mover o filho a desprezal-a, pedindo ao mesmo tempo para lhe dar um signal

de que a ouviu. Foi desde então que a borboleta branca começou a apparecer no chapéu do futuro marido. Quando mais tarde a endemoninhada annunciou que não tardaria a entrar um espirito bom e entrou a borboleta que pousou n'um barrote, o João quiz mata-la e a mulher oppôz-se, dizendo que sabia o que aquillo era, sendo então provavelmente que veio á baila e á noticia do João a historia entre a borboleta branca e a mãe.

8

Morreu em qualquer ponto um sujeito de pessima reputação. Logo que falleceu começou a inchar de tal modo que não cabia n'um caixão ordinario, sendo necessario mandar fazer-lhe um de dimensões extraordinarias. Metteram o cadaver no caixão, mas, momentos depois, tinha elle desapparecido. A familia mandou encher o caixão de pedras para enganar os que o levavam para a egreja e enterrou-se o caixão como se o cadaver fosse dentro. Passado tempo, o defunto começou a apparecer noites seguidas em volta da casa da sua habitação, embruhado n'um chale-manta, e respondia aos mais afoutos que lhe perguntavam porque não sahia d'ali: "Que lhe importa?," Suppõe-se que era dos taes que nem podem entrar no céu nem no inferno. Foi preciso requerel-o.

*N. B.* Casos de almas que não podem entrar nem no céu nem no inferno são vulgares. Mas o purgatorio? Estas lendas parece desconhecem-n'o.

9

*Requer-se uma alma* para um sitio por onde o requerente não passe. E' um dos modos de se livrar

d'ella. O pai da tecedeira perseguia-a depois de morto; ella adoeceu e todas as meias-noites ouvia *tinir na fechadura da porta*. Soube que a alma era a do pai e custava-lhe a requerel-a. Por fim resolveu-se e a bruxa, que ella foi consultar, disse-lhe em nome d'elle, que lhe satisfizesse 24 missas, que tinha deixado de ouvir, quando esteve na Galliza. E declarou-lhe que á ultima missa lhe havia de dar signal de que ia para o céu. De facto, á ultima missa, a filha viu, quando o padre a terminava, uma borboleta branca a subir em espiral para o alto. Era a alma do pai. Em casa da bruxa, elle declarára-lhe tambem que estava moído da jornada que tinha feito para vir ali.

10

*Manas.*—A' alma do pae (da tecedeira) tinham-se reunido seis manas (almas de manas *sic?*) e é esse o perigo, porque era possivel que mesmo contra sua vontade o pai fizesse mal á filha, obedecendo á influencia dos que se tinham incorporado n'elle.

11

Depois de se requerer a alma, logo que se chegue a casa, deve lançar-se sal por ella, mas sal virgem, não servido.

12

*Almas, despertador.*—Quem quiser acordar cedo não tem mais que pedir ás almas que o chamem á hora que se deseje. E' infallivel o despertador e alguns dorminhocos teem ouvido a voz longiqua das almas que os

acordam. Reza-se-lhes então, é claro.

(Lamego)

Os numeros relativos ás almas penadas fazem parte d'uma curiosa collecção, que me foi communicada pelo sr. F. Martins Sarmiento e que irá sendo publicada segundo o permittirem as circumstancias.

## Astros, atmosphaera

1

Quem quiser pedir alguma cousa ao Senhor ha-de fitar o sol ao darem as tres badaladas do meio-dia e resar a cada uma d'ellas um padre-nosso; se quiser pedir á Senhora fitará a lua, ou, na falta d'esta, uma estrella «ao tocar das Trindades» rezando uma Ave-Maria. Mas, emquanto se olha o sol, lua ou estrella, não se deve pestanejar.

(S.)

2

Quando chove e faz sol ao mesmo tempo está Nossa Senhora a lavar o menino Jesus.

3

«Sol lampeiro, chuva no eido». A explicação é esta: quando o sol nasce e, brilha n'uma faixa limpa do horisonte, emquanto o resto do ceu está carregado de nuvens, a chuva é certa. E' este o sol lampeiro. Se, pelo contrario, o sol ao pôr se encontrou uma faixa de céu limpida, embora as nuvens cubram o resto, no dia seguinte

ha bom tempo.

(S.)

4

O sol, quando se põe, vai por baixo d'agna para o Brazil e ali nasce.

(S.)

5

Quando se vê a lua pela primeira vez é costume dizer-se:

"Lua nova, lua nova,  
Benza-te Deus, minha madrinha,  
Leva a tua côr e deixa-me a minha."

(S.)

6

Quando se vê alguém fazer uma boa acção, que se não espera d'essa pessoa, costuma dizer-se: "Oh! está a lua atraz do forno!" Outros dizem que está o diabo.

7

E' corrente entre o povo que, olhando a lua até ao seu oitavo dia n'um espelho, se vêem n'este tantas luas, quantos dias ella tem.

E' preciso collocar-se o espelho obliquamente. De frente o phenomeno optico, que dá 2, 3, etc. reflexos da lua, não se produz, é claro.

(S.)

(Vizella).

8

O sete-estrello pelo S. Martinho  
Vai de bordo a bordinho;  
A' meia noite está a pino,

pelo mez de junho principia a apparecer á serra ás 3 horas da manhã; d'este mez em diante apparece sempre uma hora mais cedo em cada mez até que em fins de outubro principia a apparecer á bocca da noite, seguindo seu giro até que desaparece desde o fim d'abril até fim de junho.

(S.)

9

A Estrella do norte acompanha o mesmo Sete-estrello a um lado d'elle, nascendo e escondendo-se sempre quando a elle.

(S.)

10

A Estrella da manhã apparece ao nascente das duas ás tres horas da manhã.

(S.)

11

Em novembro apparece uma outra estrella um pouco menos resplandecente, pela qual muitas pessoas se regulam para seguirem suas jornadas, que ás sete horas da manhã se torna invisivel com a claridade do dia e em fevereiro desaparece do nascente para apparecer ao poente, denominada a Papacea.

(S.)

12

O Cruzeiro do norte compõe-se de nove estrellas muito pouco resplandecentes, seguindo o mesmo giro do Sete estrello até que desaparece desde fim de setembro a fim de outubro, e no fim d'este mez torna novamente a apparecer.

(S.)

13

As Tres Marias são tres estrellas muito resplandecentes que seguem o mesmo giro do Cruzeiro do norte.

A proposito das Tres Marias uma mulher de Santa Christina c'tou as cantigas dos Reis :

«Lá se vão as Tres Marias  
De noite pelo luar,  
Em busca do Deus menino  
Sem n'ò poderem achar.»

(S.)

14

Os rapazes costumam dizer ao arcoriris :

“Arco da velha,  
Põe-te na quelha,  
Que dizem os mouros  
Que te hão de matar  
Com facas, agulhas  
E tesouras do mar.»

A proposito de mouros. Já ouvi contar assim (textual) a um jornaleiro de Felgueiras, a historia do dominio dos Mouros entre nós :

“Os mouros estiveram por cá muito tempo. Ha até quem tenha isto carregado (registado). Deixaram por ahi muitas riquezas encantadas. Uns vieram buscal-as, outros não tornaram cá e por ahi ficaram essas riquezas sem ninguem saber d'ellas. Quantas vezes a gente cuida que atira com uma pedra a uns bois (quando se lavra, para os espertar) e atira com um pedaço d'ouro! Elles viviam nos altos onde tinham muros e castellos e onde

se defendiam ; porque todos os corriam até que os puzeram fóra.”

15

Ao que chamam «asarremedas»

O dia de Santa Luzia, que é a 31 de dezembro, é o primeiro d'esta *experiencia*. Serve para se saber o tempo que ha de haver em janeiro ; por ex. se chover n'esse dia o mez de janeiro será chuvoso. O dia 14 serve para fevereiro, o 15 para março e assim por diante a'ê ao dia 24 que serve para dezembro.

Se, porém, o dia 25 de dezembro estiver de sol (no mesmo exemplo), prevalece o sol d'este dia e não achava do dia 13, o tempo do dia 26 prevalece ao do dia 14, e assim continuando até ao dia 5 de janeiro, prevalecendo sempre os dias posteriores aos anteriores. A isto chama-se: — desarremedar.

As “arremedas,” do anno são conhecidas de todos os lavradores:

(S.)

16

Natal, luar e vinho

Se na noite de Natal houver meio luar (luar metade da noite), haverá no anno seguinte mais vinho, em relação ao vinho inteiro (colheita boa), que terá lugar se na noite de Natal houver luar inteiro (toda a noite).

Tambem se diz que não haverá nenhum vinho se a noite de Natal fôr completamente escura.

(S.)

(Continua)

D. Luiz de Castro.











